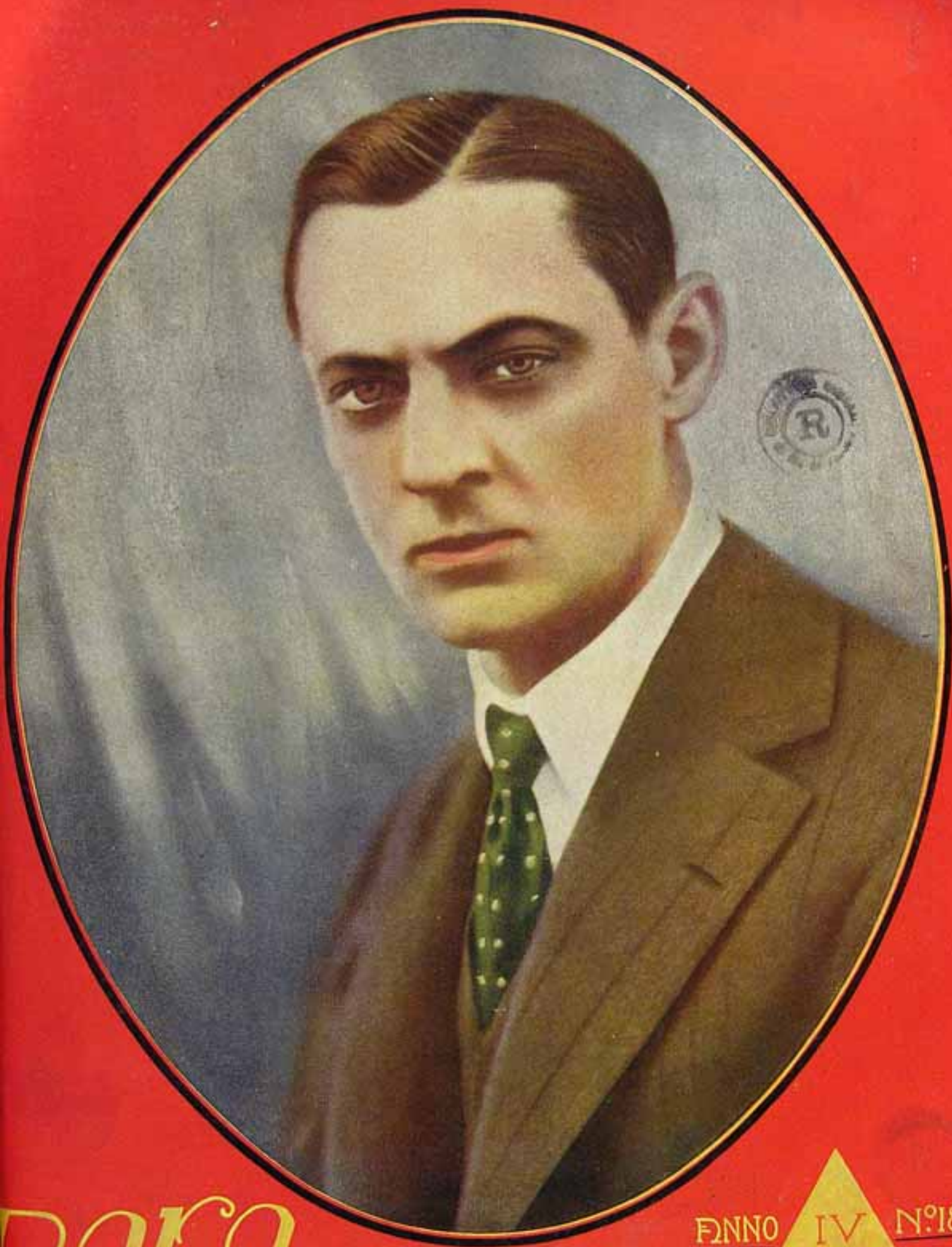




*Para
todo...*

FINNO IV N°184





Grême de beleza "Oriental"

Embranquece, amacia e assetina a cutis, dando-lhe a transparencia natural da juventude.

PREÇOS:

Modelo grande . . . Rs.: 6\$000 — pelo correio 8\$000
Modelo médio . . . Rs.: 3\$500 — pelo correio 4\$200
Modelo réclame . . . Rs.: 1\$500 — pelo correio 2\$000

A VENDA EM TODO O BRASIL,

PERFUMARIA LOPES

MATRIZ — RUA URUGUAYANA, 44, RIO
FILIAL — PRAÇA TIRADENTES, 38, RIO

Não nos responsabilizamos pelo producto vendido por menos dos preços acima.

ROUGE "ORIENTAL" ILLUSÃO
Não estraga a pelle; é de effeito natural e de muita durabilidade.

E' o melhor e não é o mais caro.



Pó de Arroz

GLOSSY

ADHERENTE E PERFUMADO

Caixa grande : 2\$500 — Pelo Correio : 3\$200

Caixa pequena : 1\$000 — Pelo Correio : 1\$500

Caixa Postal : 163 — RIO

Envie importancia em vale postal, em dinheiro ou selo a

CARLOS DA SILVA ARAUJO & C.

1º DE MARÇO, 13 — 1º andar — RIO



S. Vendelino (Rio Grande do Sul), 29 de Abril de 1913.

Illmos. Srs. Viuva Silveira & Filho. — Rio de Janeiro — Saudações cordiaes.

Dou em meu poder vossa prezada carta de 5 de Abril corrente; sciente de seus dizeres, respondo :

Tendo receitado e aconselhado a avultado numero de cientes a usar o ELIXIR DE NOGUEIRA, do Sr. João da Silva Silveira, nos casos de syphilis, rheumatismo, asthma e suas diversas manifestações.

Sempre colhi resultados satisfactorios sem notar consequências nocivas pelo seu uso.

Passo o presente attestado, sob a fé do meu grão.

— Dr. Adolpho Moreau — Medico e Pharmaceutico Diplomado pela Universidade de Louvain.

P. S. Consta do meu receptuario, que nos 10 ultimos annos, eu fiz comprar 1293 vidros de seu excellente preparado e acertada combinação : ELIXIR DE NOGUEIRA.

RENY

Pote 4\$000 — pelo correio 5\$000

FORMULA USADA EM TODA A EUROPA

Infalível — Unica que tira com absoluta garantia todas as sardas, pannos, manchas da pelle, rugas e cura espinhas.

DEPIL

Unico liquido que tira em 5 minutos o cabello de qualquer parte do corpo, sem irritar a pelle. Preço: vidro pequeno 5\$000 e grande 10\$000; pelo correio 6\$500 e 12\$000.

Pó de arroz Reny

Pelo correio 3\$500.

O melhor, o mais barato, o mais fino, o mais perfumado e o mais adherente. Preço 2\$500.

Loção Reny

correio 8\$000.

Elimina a caspa e evita a queda dos cabellos, tornando-os sedosos, abundantes e perfumados. Vidro 5\$500. Pelo

AGUA BALSAMICA RENY

PERFUME DO ORIENTE, PARA O BANHO

Algumas gottas bastam para perfumar o banho, substituindo com vantagem a agua de Colonia. Vidro grande 8\$000. Pequeno 5\$000. Pelo correio 8\$000 e 12\$000.

MAGALHÃES & LOBO

Senador Furtado, 48

Gloria Swanson fala da mulher moderna

A FALSA SUPERIORIDADE FEMININA

UM dia, visitando o Museu Britânico, detive-me, por indicação de meu guia, ante a imovel forma de uma mumia egypcia. Eram os restos de uma princeza do Nilo, conservados através dos seculos e da distancia. Contemplei-a por largo tempo, desejando que essa bocca, sem cor e fechada para sempre, entreabrisse os labios e me desvendasse o mysterio insondavel da morte, ou me referisse as estranhas historias dos homens e das mulheres que viveram na epoca em que ella reinou. Em vão, porém, apurei os sentidos. Do rijo envoltorio apenas chegou até mim o raro perfume de madeira carcomida e traçada, o cheiro dos seculos concentrados no fragil corpo de uma mulher que fora, talvez, bella, boa e sabia...

De outra vez, no Museu do Louvre, detive-me ante a tela magnifica do magnifico Leonardo, a Monna Lisa. Quiz interrogar-a. Teria, de certo, muitas e interessantes cousas para me dizer. Aquelle sorriso imperturbavel, enigmatico e sabio, occultava talvez os mysterios que fazem do coração feminino o mais complicado de todos os mecanismos. Mas a Gioconda ficou muda, contrahindo, apenas, esses labios ironicos e persuasivos, que synthetizam a epoca admiravel de a quando, em Florença, os homens e as mulheres riam, mentiam e amavam...

Mas, não falou... Falar significaria deixar de sorrir, e sua gloria, sua sabedoria e seu encanto, estão — sabe-o toda gente — no seu sorriso.

De outra vez ainda, ao cahir de uma pardacenta e fria tarde, encontrei-me sentado num amplo divan de velludo azul. A meu lado, apoiada negligentemente em um dos braços do movel, Gloria Swanson ouvia as minhas perguntas que muitas outras pessoas, antes de mim, já lhe haviam feito e a que ella, enigmatica como a mysteriosa mumia do Museu Britannico, indecifrável como o admiravel quadro de Leonardo, se havia negado a responder.

Mas eu propuzera-me arrancar a Gloria a sua opinião, essa opinião que eu desejaria ouvir dos labios das mais intelligentes e mais estranhas mulheres do mundo, e puz em jogo toda influencia que a minha grande amizade com Gloria poderia ter. Repeti uma vez ainda minhas perguntas e, ella, inclinando-se, para espartar com uma artistica tenaz de bronze o fogo que ardia no grande fogão de marmore, abriu a bella bocca e falou. Era a legendaria e fantastica princeza egypcia que falava, a admi-

ravel e inconfundível Monna Lisa, que continha seu eterno sorriso para dizer alguma coisa...

Insisti: — Estranho titulo esse, o do seu ultimo film. Referindo-se a uma mulher, acho exagerado dizer-se: "A marca commercial de seu marido!"

— Entretanto, é assim mesmo. A maioria dos maridos chegou ao ponto de considerar suas mulheres simples marcas de fabrica, agentes de propaganda para seus fins commerciaes ou materiaes. E essa mulher é um producto dos tempos de hoje. O marido vale-se della em todos os casos em que elle prevê que não pôde vencer sozinho. Creia... Mais de uma fortuna ou boa posição social dos homens se devem ás proprias esposas. Não ha melhor propaganda que um bello decote e uns alvos e bem modelados hombros. Já fiz um estudo especial da mulher moderna. Posso dizer, mesmo, que foi isso por algum tempo toda minha occupação. Estudei-a em todas as suas modalidades. Ouvi-a falar, li-a, vi-a agir nos ambientes propicios ao desenvolvimento de seu poder e de suas habilidades. Minha experiencia foi enorme, mas é uma gota de agua no oceano do feminismo, onde desde ha annos navego. As nossas mulheres, em sua maioria, não são felizes, ás vezes por sua culpa e em outras por culpa alheia. Falo em geral, e os exemplos que me levaram a esta deducção não são poucos, são experiencias em que entraram muitas mulheres. Observo bem o caracter, os modos, os defeitos e as virtudes que caracterizam a mulher moderna, porque é essa qualidade de mulher que eu encarno no cinema, e devo conhecê-la perfeitamente, para que as minhas interpretações sejam absolutamente verdadeiras.

Falo como actriz, não falo como mulher. Gloria Swanson, ah, impelliu com seu pé esvelto a cauda do vestido verde-gris com que envolvera as pernas, umas pernas esquisitamente modeladas, que meias cinzentas de seda opaca cobriam, e, quando se inclinou para espartar de novo o fogo, um tenue véo de perfume chegou até a mim, cuja essencia eu não poderia determinar com precisão, se o quizesse fazer, e creio ser o aroma da sua carne doirada.

Gloria voltou a falar:

— Mulher alguma no mundo pôde ser feliz com um homem que não seja seu amo e senhor. Sem amo, mulher alguma é feliz, nem pôde amar homem nenhum que não seja seu dono. Está nisso a desdita, a intranquillidade, digamos assim, da

maioria das mulheres. O homem pôde ser um escravo, um adorador, um serviçal, mas tem de ser ao mesmo tempo amo, dono e senhor!

E' claro que, quando falo de homens, me refiro aos da nossa terra, aos homens da America. Precisam sobrepor a sua autoridade á das esposas, conquistar melhor logar na sociedade, demonstrar á mulher que lhe não são inferiores.

As mulheres americanas de hoje em dia — simples marcas de fabrica de seus maridos — são immensamente desditosas, lê-se-lhes isso no rosto, porque estão ligadas a homens que não lhes impõem sua autoridade e as deixam fazer tudo que querem, onde e quando querem. Educadas como meninas caprichosas, assim se foram criando amindadas sempre e agora, coitadas, não sabem mais o que querem, nem como achar prazer algum nesta vida.

A emancipação da mulher, e tudo quanto se tem feito para a obter, em nada contribuiu para a elevar ao seu verdadeiro nivel.

Em nenhuma parte do mundo, como na America, tem a mulher tanta liberdade nem se lhe offerecem maiores ou melhores occasiões de se tornar independente. No commercio, nas artes e na industria ha logar para as suas actividades. Podem bem ficar solteiras, sem que o fantasma da miseria as assuste, visto que o matrimonio aqui não é, como em outros paises, um simples acto que resolve complicado problema economico. E', porém, nessa virtude que reside o mal, porque um só tecto não pôde abrigar dois "senhores", uma mulher não pôde, não deve rivalisar com o marido, se se chega a casar.

— Diga-me, Glorinha! Pensa haver remedio para isso?

— O unico remedio está em voltar o homem a impôr sua força, sua habilidade, sua intelligencia sobre a desmedida soberba das mulheres, e a ser menos tolerante. A mulher, por sua vez, se se julga capaz de bastar-se a si propria, não se case, fique solteira.

Eu sorri. Gloria Swanson acabava de descobrir outra faceta da sua complicada psychologia. Revelava-se uma observadora profunda do espirito da mulher, da mulher moderna, a mais complexa e mais estranha das creaturas que Deus poz no mundo, para embellezar e mortificar a existencia dos seres que vivem sob o pallio azul dos céos...

REMETE-SE GRATIS!

SCIENCIA DOS EFLUVIOS OPICOS
COMO OBTER MAIORES RECURSOS?

FACILITA-SE A TODOS UM CAPITAL



Qualquer pessoa que puzer seu nome e endereço neste annuncio e enviar-o ao Instituto Electrico e Magnetico Federal, rua da Assembleia n. 45, Capital Federal, receberá, além das outras vantagens, uma demonstração dos meios praticos para ter sorte em tudo: enriquecer por meio de negocios, ou do jogo, ou da loteria; cobrar dividas ou vender mercadorias facilmente; immunisar-se contra perigos, dezanstres, doenças, influencias de inveja, feitiçaria ou hypnotização; ganhar demandas; ficar curado de depressão; casar com acerto ou alcançar o amor desejado; ter harmonia na familia ou na sociedade commercial; possuir poder magnetico; ver através dos corpos opacos; adivinhar o futuro; descobrir minas de ouro ou diamantes; atrahir abundancia de dinheiro. Nada ha que perder e tudo que ganhar, tal como está

demonstrado nas cartas das pessoas mais notaveis do mundo inteiro e cujo theor exhibiremos. Na mesma casa, está á venda por doze mil réis, o importante livro de 400 páginas do DR. J. LAWRENCE—"Hypnotismo Afortunante". Fazer o pedido já.

Nome ..
Rua e numero ..
Logar e Estado ..



Quando não se possui uma linda cutis, é possível criá-la, sempre que as senhoras tenham uma vontade perseverante. Com os recursos do toucador, senão a base uma aplicação diária do

PO' DE ARROZ MENDEL

não só se obtém a transformação da pelle, suavizando-a e embellezando-a em alto grão, senão que se conserva permanentemente fresca e delicada, resguardada da acção do ar e do sol, graças ás singulares propriedades que caracterizam a excellencia daquelle efficaz elemento de belleza.

Importante: O Pó de Arroz Mendel possui uma notavel qualidade adherente que resiste á acção do ar. O seu uso não requer o emprego de cremes ou pomadas.

Usa-se nas côres branca, rosa, para as claras de pouca côr; "Chair" (carne) para as loiras, e Rachel (creme) para as morenas.

Vende-se em todas as perfumarias, Agencia do Pó de Arroz Mendel: Tel. C. 2741 — Rua 7 de Setembro n. 107, 1º andar — Rio de Janeiro.

Deposito em São Paulo — Rua Barão de Itapetininga n. 50.



Para todos...

L'ETRANGE WALSE

HAWAYENNE

M. Irwin.

REPERTORIO DA ORCHESTRA PICKMANN

A orchestra Pickmann oferece os seus serviços artisticos para ballas, chás dançantes, recepções, etc. Rua Tavares Bastos, 5 - Telap. Hebra Mar 233

Tempo di Valse



LEITURA PARA TODOS

MAGAZINE MENSAL

NUMERO AVULSO

RIO 1\$500

ESTADO 1\$700

LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA, HISTORIA, ASTRONOMIA, VIAGENS, CAÇADAS, THEATRO, CINEMA, MUSICA, SPORT, AGRO-PECUARIA, ETC., ETC., CENTO E TRINTA PAGINAS DE TEXTO, ILLUSTRADAS A QUATORZE IMPRESSAS A DUAS E TRES CORES, REPRODUZINDO QUADROS CELEBRES

LEITURA PARA TODOS está a venda em todos os "pontos" de jornaes.



Ilustração Brasileira --

a mais bella revista mensal illustrada, collaborada pelos melhores escriptores e artistas nacionaes. Preços de venda avulsa 2\$000, na Capital: 2\$500, nos Estados.



Questionario



Toda a correspondência para esta secção deve ser dirigida a OPERADOR — 164, Onizides — Rio de Janeiro.

Devida a formidável affluencia de cartas para esta secção, muitas aguardam a resposta por semanas e mezes até; pedimos por isso excusa aos nossos leitores, e ao mesmo tempo lhes solicitamos a attenção para a lista de endereços de artistas que mensalmente publicamos; isso evitar-lhes-á muita vez o trabalho de escreverem pedindo informações que nella se encontram e a nós um trabalho excusado de compulsiar catalogos para os satisfazermos. Mais: abreviará o prazo das respostas.

Na caso de pedido de informes sobre films devem vir sempre que possível os titulos. Essa nossa exigencia é motivada pelo facto de muitas vezes os films aqui exhibidos com um titulo passarem com outro nos Estados Unidos.

B. S. AMARANTE (Rio?) — Com: David Powell em *The Mystery Road*, Mary Glyme. Trabalhou para varias empresas: International, S. L. Prod., Rothapfel, Rolfe, etc. E' tambem escriptora.

ERNESTO LEHMANN (Santa Maria) — Todos 5 trabalham para a mesma empresa. Pode escrever para 485, Fifth Avenue, N. Y. C.

TRISTE SAUDADE (Campos) — Em *Fantomas*, Eva Balfour.

BEBE WHITE (?) — Ainda não; não tem filha nenhuma. E' divorciada de Lew Cody. Já temos publicado uma porção. Não tem. Uma porção delles. 485, Fifth Avenue, N. Y. C. Idem. Que informação deseja? Fascinação. Muito obrigado.

SERENA (Rio) — Não temos secção propria para esse genero de publicações.

SENHORITA ANONYMA (Rio) — Muriel tem 25 annos. Solteira. Tem trabalhado para varias marcas, especialmente para a World. Não sabemos do seu destino actual. 2°. Em *A rainha de Sabá*; *Rainha de Sabá*, Betty Blythe; *Rei Salomão*, Fritz Lieber; *Rainha Amathé*, Claire de Lotex; *Rei Arimud*, Geo Siegman; *Tamarav*, Herbert Heyes; *Mentor*, Herschell Mayall; *Adonias*, G. Raymond Nye; *Rei David*, Geo Nicholson; *Beth Sheba*, Genevieve Blinn; *Filho da rainha de Sabá*, Pat Moore; *Nomir*, Joan Gordon; *Olex*, Wm. Hardy; *Rei de Tyro*, John Cosgrove; *Embaixador de Pharaó*, Paul Cazeneuve; etc. 3°. Já temos publicado varias vezes até, a preto e em cores, Uzzell (Coreno); Young (Clara Kimball); Yorska Young (Lassie); Younge (Lucille), Q. X. e Z. não. 4°. Não damos opinião sobre o assumpto. Deixamos que os leitores o façam. 5°. Não existe mais.

ADMIRADORA DE NORMA (Rio) — 1°. Em *Os quatro cavalleiros do Apocalypse* (que já está no Rio, só em deposito porém); *Julio Desnoyers*, Rudolph Valentino; *Marguerite Laurier*, Alice Ter-

ry; *Madarango*, Pommeroy Cannon; *Marcello Desnoyers*, Joseph Swickard; *Calendario*, Brinsley Shaw Karl von Hartrott, Alan Hale; *Capitão von Hartrott*, Stuart Holmes; *Professor von Hartrott*, Jean Hersholt; *Elena*, Mabel Van Buren; *D. Luiza*, Bridgetta Clark; *Tchernoff*, Naizel de Bullier; *Argensola*, Smoke Turner; *Tenente-coronel Richtoffen*, Wallace Boerly; etc. 2°. Já respondido acima. 3°. Tem 27 annos; 485, Fifth Avenue, N. Y. C. 4°. 33 annos.

P. DUQUE (Pelotas) — Sabe ou deve saber que originaes enviados a redacção de qualquer jornal ou revista jamais se restituem. As remessas são ás centenas e fôra mister ter um empregado só para tomar conta desse serviço.



X -
Mac
Donalda

DIANA (Inhauma) — Pessoal de cinema de além Atlantico não manda retrato, porque retrato custa dinheiro. Perca portanto as esperanças por esse lado. Lucy Doraine é da Sascha Film, Vienna; não entendemos de series. Escreva directamente. E' francez, Paul La Borie. Foi entregue.

HYGINO MUNARI (Santa Maria) — 1°. Universal City, California. 2°. 7070 Franklin Avenue, Hollywood, California. 3°. Não sabemos. 4°. Conhecemos Leoti e Lillian; Lucy, não. 5°. Hotel Van Nuys, Los Angeles, California.

LYS DU NORD (Belém) — Em *The brute Master* trabalham Margaret Livingston e Anna Q. Nilsson. Como esse film não veio ao Brasil só lhe podemos dar essas informações. Com Theda em 4: duas orphãs, Jean Sothorn. De Wanda te-

mos dado varios. Carlyle ha muito não vem. Está actualmente na Hollanda.

LUCY CUNHA (S. Paulo) — Nunca respondemos por carta, sempre por aqui. 485, Fifth Avenue, N. Y. C. todos tres. CAMBUY (S. Paulo) — Do 1°, Universal City, California. Do 2°, 485, Fifth Avenue, N. Y. C.

ROSA DO BOSQUE (Limeira) — Tres casados, carina, todos tres americanos de 24, 26 e 24 annos, respectivamente.

DESCONSOLADA (Limeira) — Leia a nossa recommendação no cabeçalho desta pagina; Ellen Sedgwick; é solteiro e americano.

CLARA MACIEL (Bagé — 224 San Vincent, Santa Monica, California, U. S. A. Nunca respondemos por carta, sempre por aqui, tenha paciencia.

RELAMPAGO (Rio) — Adolphe Zukor e William Fox. 4-5, Fifth Avenue, N. Y. C. e 10 th Avenue 55 th to 56 th Street, N. Y. C.

L. CUNHA (S. Paulo) — 485, Fifth Avenue, N. Y. C.

SAM WHITE (Botucatu) — Leia a resposta a L. Cunha.

PERITA (Niteroy) — E' da Goldwyn.

MARIQUITA (Cataguazes) — Ainda não veio para o Brasil. Anatolio, em Julho talvez. 485, Fifth Avenue, N. Y. C.

REVOLTOSA (Fortaleza) — Universal City, California.

BELLINHA (S. Luiz) — Da World Pictures. 1919. Já não vem ao Brasil.

ISCARIOTE (Mangas) — Temos noticias frequentes. Está em Los Angeles trabalhando

O exito de Rudolph Valentino como galã da tela é tão grande que deixa a perder de vista o de todos os outros artistas. Ainda ha pouco Cecil B. de Mille dizia: "As mulheres podem ser divididas em duas classes; as que escrevem a Rudolph Valentino e as que não podem escrever. As raparigas de Los Angeles estão doidinhas pelo joven italiano. Ainda ha pouco Bebe Daniels, estava escandalizada, que sua priminha, de 15 mezes apenas, no studio, depois de se recusar a fazer umas festinhas a Jack Holt, tão conhecido como apreciado galã, mal appareceu Rudolph atirou-se-lhe nos braços. E dizer-se que Rudolph, o ingrato, apesar de tantos affectos acaba de se prender na teia de Nastacia Rambow, e casou-se com ella tão ás pressas que nem esperou a sentença de divorcio que o devia separar de Jean Acker, andando por isso ás voltas com a justiça!

HERBERT RAWLINGS, artista bem conhecido do nosso publico, foi, faz pouco, accusado pela mãe de Dorothy Clark de haver seduzido esta ha uns tres annos, quando ella tinha apenas 14 annos. A rapariga, entretanto, nega o facto a pés juntos. Está ella casada com um negociante de pianos, que naturalmente não terá sorrido ao escandalo feito pela imprensa



@ filmes da semana



Foi razoavelmente feliz a programação da Avenida nesta semana que registramos.

Até mesmo o Central exibiu um bom film!

Sim, não se pôde negar que "Santo diabólico", da Paramount, criado pelo galante Bryant Washburn, não faça fir. Film cómico, ligeiro, tem grandes espalhafatos nem recursos estranhos, é uma produção feiz, que no genero bem se pode comparar a outra comédia de Lucy Doraíne, vista no Palais, "Senhorita caprichosa".

Parabéns ao Central.

O film que o Odeon ha dias vinha annunciando com alguma reclama, "Panthera negra", da Equity, interpretado por Florence Reed, levou ao velho cinema da Avenida grande concorrência. Vimos os salões repletos, mas pouco entusiasmo

causou a nova produção da creadora do "Noivado tragico". Mesmo entre os seus mais fervorosos admiradores, seu trabalho em "Panthera negra" não parece interessar... Entretanto, acreditamos, a festejada "estrella" fez o que era possível para agradar. Mas, toda sua arte admirável de tragica não conseguiria nunca servir ao romance que lhe deram para crear. O motivo do film é estúpido. Seu autor pretende discutir uma these. Desastrado, não chegou ao resultado digno e o trabalho da Equity é lamentavel pela inferioridade dos typos apresentados, alguns tem falsos, pelas scenas que reproduz, pela lição que quiz dar e... não deu.

Assim, salvando-se o guarda-roupa e a "mise-en-scène" do film, nada mais fica de pé.

Ao contrario, no Avenida, "Paixão de barbaço" agradava francamente. O ma-

gnifico trabalho de Rudolph Valentino, Agnes Ayres e Adolphe Menjou, seductoramente apanhado em scenarios curiosos entre costumes arabes, reproduzindo panoramas estranhos, é mais uma gloria para a Paramount. Depois, o film tem o seu motivo natural, humano. E' um romance de amor apaixonado, todo muito sentimental e delicado.

Eram esses dois films os mais esperados. Ambos, annunciados com maior reclame, gozaram a ventura de um publico maior e por isso Pearl White, no Pathé; Lucy Doraíne, no Palais, e Mary M. Minter, no Parisiense, respectivamente nos films "Pavão de Broadway", "Horas de terror" e "Beijo, pede-se e dá-se", não foram vistos como bem mereciam os seus magnificos trabalhos.

OPERADOR N. 3

COTAÇÃO DOS FILMS — SEMANA DE 12 A 18 DE JUNHO DE 1922

MARCA	CINEMA	TITULO DO FILM	PRINCIPAES INTERPRETES	DATA	CLAS.
Ziegfeld-Equity	Odeon	Panthera negra (The Black Panther's Cub)	Florence Reed	1921	6
Paramount	Avenida	Paixão de barbaço (The Sheik)	Agnes Ayres, Rudolph Valentino e Adolphe Menjou	1921	10
Gaumont	Pathé	A infanta da rosa (L'infante à la rose)	Miles, Gabrielle Dorziat, Legeay, Lan- nes, Garcour e Dom Emilio Portes	1920	4
Paramount	Central	Apparencias (Appearances)	Mary Glynn e David Powell	1921	5
Realart	Parisiense	Peccadoras (Sinners)	Alice Brady e James Crane	1920	5
Realart	Parisiense	Beijo, pede-se e dá-se... (Ann of Green Gables)	Mary Miles Minter, Marcia Harris, Frederick Burton	1919	6
Paramount	Central	Santo Diabolico (An Amateur Devil)	Bryant Washburn	1920	6
Fox	Pathé	Pavão de Broadway (The Broadway Peacock)	Pearl White	1922	5
Sascha	Palais	Horas de terror	Lucy Doraíne	?	6
(*)	Palais	Senhorita caprichosa	Lucy Doraíne	?	6

(*) Não consta do programma.

amarella, sempre avida por noticias sensacionais e melhor ainda se se entendem com gente de cinema. Se bem nada tivesse acontecido a Rawlison, certos todos de se tratar de uma accusação maliciosa e falsa, os seus films tem soffrido repulsa por parte do publico, o que não é das menores perdas que pôde soffrer um artista de cinema.

Decididamente, por isso que se tornou a cinematographia uma arte de peso, os que nella vivem têm que andar muito direitinhos. A notoriedade é um mal, ás vezes.

Não se illuda com panaceas

PARA A CURA CERTA DE MOLESTIAS DE SENHORAS. O MELHOR REMEDIO E' UTERO-GENOL.

UMA TREMENDA QUADRILHA...

... está sendo perseguida por um detective que já pertenceu a policia franceza. Leiam as peripecias, todas as quartas-feiras, no fasciculo d'A MAO SINISTRA.

Loterias da Capital Federal

A REALISAREM-SE EM JULHO

Chamamos a attenção dos nossos Agentes para as Loterias de novos planos.

1 de Julho... 100.000\$000 por 22\$000
8 de Julho... 200.000\$000 por 44\$000
15 de Julho... 100.000\$000 por 22\$400

No preço dos bilhetes já está incluído o sello. Agentes gernas na Capital Federal: Nazareth & C. — Rua do Ouvidor, 95 — Caixa do Correio n. 817 — Endereço teleg. Lusvel. — Rio de Janeiro.

GRAÇAS ÀS GOTTAS SALVADORAS DAS PARTURIENTES

do DR. VAN DER LAAN
Desapparecem os perigos dos partos difficeis e laboriosos.

A parturiente que fizer uso do alludido medicamento, durante o ultimo mez da gravidez, terá um parto rapido e feliz.



Innumeros attestados provam exuberantemente a sua efficacia e muitos medicos o aconselham.

Vende-se aqui e em todas as farmacias e drogarias

Deposito Geral: ARAUJO FREITAS & C. Rio de Janeiro

PILULAS DO ABBADE MOSS

O máo funcionamento do apparelho digestivo—**ESTOMAGO, FIGADO, INTESTINOS**—tem acção immediata sobre todo o organismo, produzindo diversas manifestações, cuja origem é uma só. Mantendo o bom funcionamento do apparelho digestivo, curando-se a prisão de ventre, evita-se a tão commum e terrivel **APPENDICITE**, as enfermidades infecciosas e vêem-se desaparecer as manifestações abaixo discriminadas, originadas pelo máo estado do **ESTOMAGO, do FIGADO, ou dos INTESTINOS**.

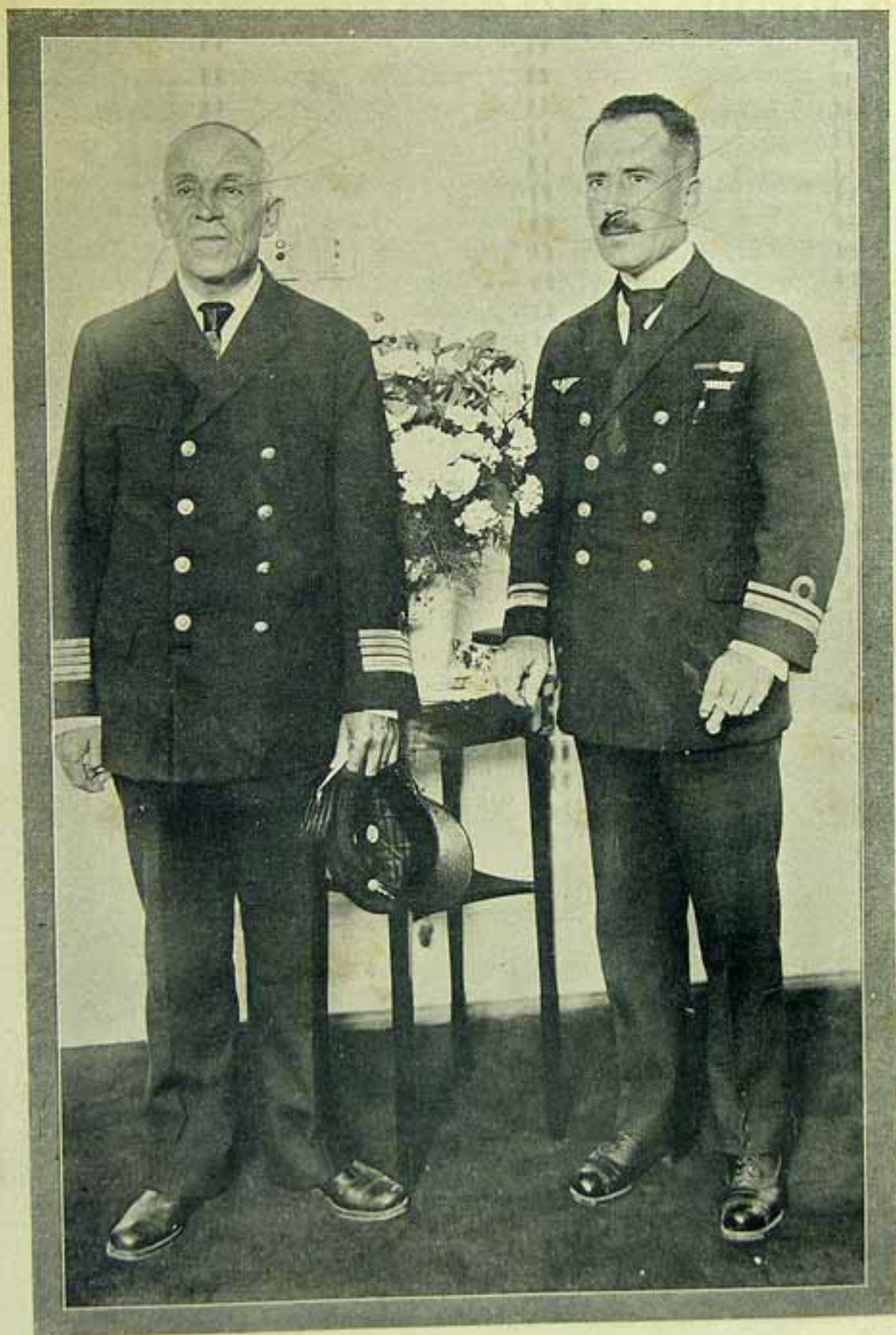
Neurasthenia	Dores no figado	Dores no estômago
Palpitações	Pesadelos	Peso no estomago
Preguiça	Lingua suja	Indigestões
Bilis	Flatulencias	Calor na cabeça
Hemorrhoides	Enxaquecas	Azia
Dyspepsia	Gazes	Genio irascivel
Tonteiras	Fastio	Dores de cabeça
Máo halito	Digestões laboriosas	Falta de energia

e muitas outras manifestações

As **PILULAS DO ABBADE MOSS**, com acção directa sobre o **ESTOMAGO, FIGADO E INTESTINOS**, eliminando as causas, evitando «absolutamente» a prisão de ventre, proporcionam, desde o começo, bem estar geral, acceleram a digestão, descongestionam o **FIGADO**, regularizam as funcções digestivas, e fazem desaparecer, em pouco tempo, as enfermidades do **ESTOMAGO, FIGADO e INTESTINOS**.

Em todas as drogarias e pharmacias

Depositarios: **SILVA GOMES & C.** - 1.º de Março n. 151 - Rio.



OS EXMOS. SRS
CONTRA-ALMI-
RANTE GAGO
COUTINHO E CA-
PITÃO DE FRA-
GATA SACADU-
RA CABRAL DA
ARMADA POR-
TUGUEZA, OS
HEROICOS AVIA-
DORES QUE RE-
ALISARAM A
TRAVESSIA AE-
REA DO ATLAN-
TICO SUL, VIN-
DO DE PORTU-
GAL AO BRASIL,
NUMA VIAGEM
MARAVILHOSA.
ELLES CHEGA-
RAM AO RIO
SABRADO, 17
DESTE MEZ DE
JUNHO, — DIA
GLORIOSO DO-
RA EM DEANTE
NA MEMORIA
DAS DUAS PA-
TRIAS IRMAS.



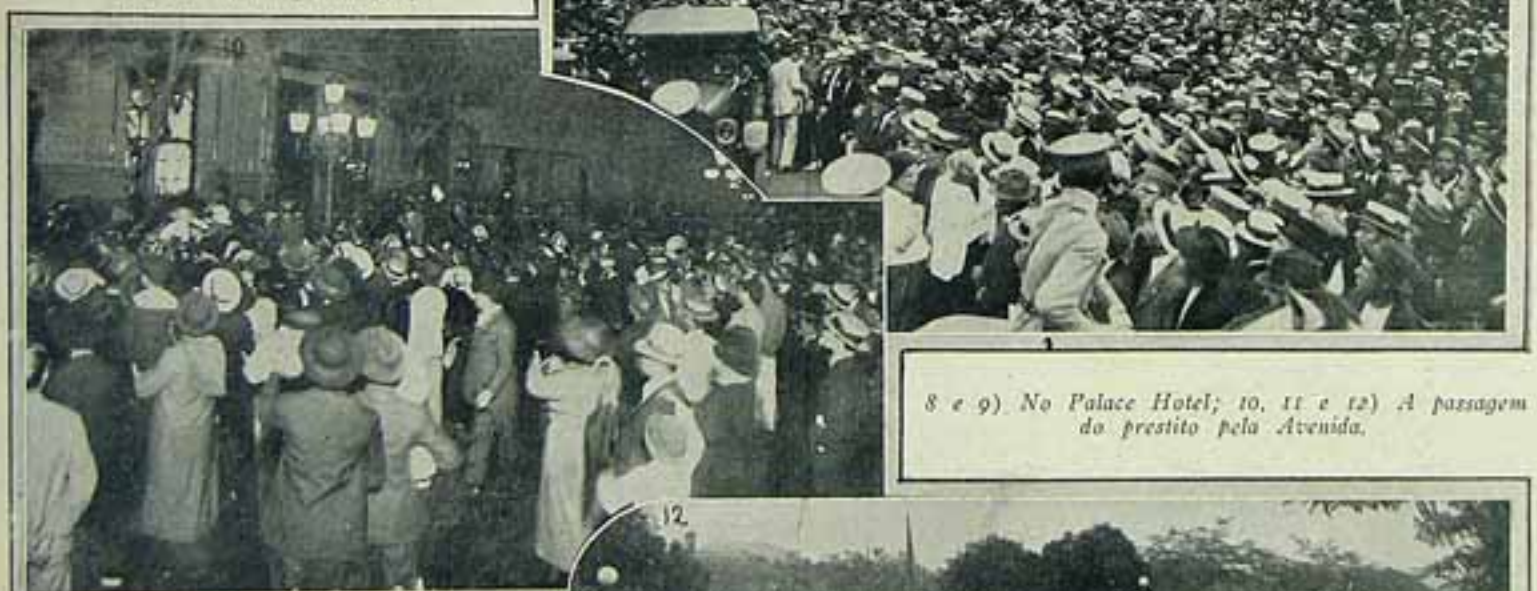
1) Sacadura Cabral e Gago Coutinho, com o Sr. Prefeito, na porta do Palace Hotel; 2) Officiais do cruzador "Republica";





4 e 6) Na Praça Mauá; 5) O Sr. Raphael Piniheiro dando as boas vindas da cidade; 7) A chegada do avião;

3) Na ilha das Encostas



8 e 9) No Palace Hotel; 10, 11 e 12) A passagem do prestito pela Avenida.

Os aviaadores portugueses no Rio

A apoteose com que o Brasil vinha recebendo Sacadura Cabral e Gago Coutinho culminou, na tarde de sabbado passado, quando elles chegaram á terra carioca. A cidade, apinhada, recebeu os navegadores do azul com um entusiasmo ardente, confundindo-se toda a população na mesma alegria e no mesmo carinho. E desde então, as homenagens que lhes têm sido prestadas, fraternas, comovidas, sinceras, bem revelaram que, sob o Cruzeiro do Sul, portugueses e brasileiros formam uma família só, com dois lares distantes no espaço, mas juntos no tempo.





A GRANDE REGATA DO
"GUANABARA"



ASSISTENCIA : NA SEDE DA SYMPATHICA ASSOCIAÇÃO ORGANISADORA DA PRIMEIRA REGATA DESTA TEMPORADA: NA BARCA DO "NATAÇÃO"; NA BARCA DO "BOQUEIRÃO".



A ANCIENDE EM SÃO PAULO PELA CHEGADA DOS AVIADORES PORTUGUEZES AO RIO. O POVO, EM MULTIDÕES, APINHAVA-SE À FRENTE DAS REDAÇÕES DOS JORNAIS, ESPERANDO A GRANDE NOTICIA. INSTANTANEOS APANHADOS DEANTE DO "ESTADO DE SÃO PAULO", DA "FANFULLA", DA "PLATEA", DO "CORREIO PAULISTANO", SABBADO ULTIMO, AS 2 HORAS DA TARDE

CINEMA PARA TODOS...

REVISTA DEDICADA AOS INTERESSES DA CINEMATOGRAFIA

REDACITOR-CHEFE
OPERADOR

RIO DE JANEIRO, 24 DE JUNHO DE 1922

COLLABORADORES
VARIOS

A NOSSA CAPA

LIONEL BARRYMORE é irmão de John e Uthel Barrymore, artistas de cinema todos tres como do palco, entre os mais famosos. Tem 36 annos, louro, de olhos castanhos claros, casado com Doris Rankin.

No proximo numero — MALVINA LONGFELLOW.

Chronica

BOAS FALAS...

O Cinema Iris volta novamente a exhibir films, dissolvendo a empresa theatral que o explorava; o Rialto fechou tambem as portas como theatro e em breve vae reabril-as utilizando a sua tela.

E' o que corre por ali, em rodas cinematographicas. Essas rodas não confirmaram ainda a passagem do Central para as mãos de uma empresa theatral.

Pois está tudo muito bem.

Nas cada vez carecemos mais de boas casas de espectáculo cinematographico, e as tres acima referidas são daquellas que mais facilmente podem explorar as grandes produções com lucro compensador, mercê da capacidade de seus salões.

Isto posto, devemos dizer alguma coisa sobre os motivos porque acreditamos se não dará ainda para as tres o affluxo de espectadores de que carecem para a sua exploração economica.

O Iris foi outr'ora explorador do genero popular.

Como tal exhibia a meude fitas em serie, completando os programmas com outras produções ao sabor daquelles que preferem aquelle genero de espectaculos. Com ser uma casa modesta, acanhada, publico jámais lhe faltou, e tanto que se abalancaram os seus proprietarios a fazer os grandes melhoramentos e transformações por que passou.

Que continuasse a orientar a sua programmação de accordo com os pendoros de sua clientela é o que recomendaria a mais elementar prudencia, o tino commercial.

Sucedeu porém que por isso ou por aquillo para melhor a sua clientela, ou fazer figas á vizinhança, começou a monopolizar todas as grandes fitas, as linhas todas da Avenida, e o resultado foi... transformar-se em theatro.

Volvendo agora a cinema, manterá o Iris seus propositos ou retornará a orientação antiga?

O Rialto foi sempre caipora. Construido aos arrancos, para lá foi levado um velho apparelho de projecção capaz de inutilizar todo e qualquer film, fazendo-o decahir no conceito do publico.

E isso em se tratando de produções boas.

Mas o Rialto jámais passou boas produções. Estreou com um velho film da Metro e continuou a programar finoiças.

Dali o publico jámais accorreu ao seu excellent salã.

Reaberto agora como cinema terá elle fitas capazes de fazer esquecer de uma vez o seu passado descredito?

O Central dá de vez em vez um "tiro", com um bom film. A sua programmação em geral é suspeita. Cata aqui o ali e mais além, tudo quanto apparece á venda no mercado, comtanto que seja baratinho, baratinho...

O publico, que o "tiro" attrahe, debanda logo. E os seus salões só se enchem porque a empresa distribue cartões permanentes gratuitos a quem lh'os pede, sem conta. De modo que em 100 espectadores que comparecem ao Central, só 33 é que pagam. Os demais são só para fazer numero, para o salão não ficar vazio.

Seria melhor que o Sr. Pinfildi supprimisae umas 500 cadeiras do seu salão. A gente sente-se tão só, tão isolada quando vae ao Central!...

E dizer que esse cinema poderia ser uma verdadeira mina nas mãos de quem o soubesse explorar!

OPERADOR.

O FILM FRANCEZ NA EXPOSIÇÃO DO CENTENARIO

No dia 12 de Maio, Mr. Jules Demaria convicou para o Palais de la Mutualité uma reunião de editores francezes e representantes dos differentes órgãos da corporação cinematographica, mostrando-lhes a necessidade que se lhe afigurava imperiosa da cinematographia franceza figurar na Exposição do Rio de Janeiro, que sem duvida teria uma grande repercursão sobre as relações das firmas europeas com a America latina. Citaram-se nessa reunião as medidas já tomadas pelos editores allemães para esse fim. Discutiui-se a possibilidade de na secção franceza reservar-se um espaço para os annuncios illustrados e luminosos dos productores, e de fazer passar nos cinemas mais importantes films francezes relativos á industria, commercio, etc.

Como se vê a nossa Exposição parece querer movimentar a cinematographia franceza, até aqui, tão desdenhada ou desdenhada.

Jesse Lasky partiu para a Europa para tratar de obter enredos para os films da Paramount, dos mais celebres autores europeus, da França, Inglaterra, Hespanha, Italia, Austria, Alemanha. Entre elles: James Barrie, Edward Knoblock, Arnold Bennett, Joseph Conrad, Rudyard Kipling, Robert Hitchens, na Inglaterra; André Rivoire e Henry Duvernois, em França; Melchior Leugyel, na Alemanha; Arthur Schnitzler e Ernest Klein, na Austria; Ferenc Molnar e Andreas Nagy, na Hungria; Blasco Ibanez e Martinez Sierra, na Hespanha; Dario Nicodemi, Gina Rocca e Enrico Seretta, na Italia.

Demos ha tempos a noticia de que Rudolph Valentino estava noivo de Natacha Rambova (Miss Winifred Tudnuth), filha de um perfumista de Los Angeles e ex-directora artistica de Alla Nazimova. Esse casamento foi annuciado em Maio findo e realison-se em uma das cidades fronteiriças do Mexico.

Acontece porém que a sentença de divorcio de Rudolph Valentino com Joan Acker, não foi pronunciada ainda, de sorte que o bello artista italiano está ameaçado de ir para a cadeia por crime de bigamia.

Maxwell Karger, ex-director da Metro, falleceu de moléstia cardiaca em um trem de Pennsylvania, ao mez de Maio passado.

No film que Mary Pickford vae fazer agora, *Tess of Storm Country*, que foi ha annos por ella mesmo filmado para a Paramount, apparecerão Lloyd Hughes, Gloria Hope, David Torrence, Forrest Robinson, Jean Hershall, Danny Hoy, Robert Russell e Mme. Bodamere.

O film da Paramount era em cinco partes. O actualmente em via de execução será em oito.

G. Hepburn Wilson, dançarino de profissão, está apparecendo com sua *partenaire*, Senhorita Alvarez, diante da objectiva nos studios da Selznick. Declara elle ter passado tres annos na America do Sul estudando as dansas do Chile, Argentina e Brasil, entre ellas o *Kauguei* (passo naturalmente) do Brasil (?).

Para todos...

AVENTURA DE UMA ORPHÃ (NOBODY'S KID)

Film da Robertson-Cole — Produção de 1921

Distribuído no Brasil pela Universal
DISTRIBUIÇÃO

Mary Cary	MAE MARSH
Katherine Trent . . .	Kathleen Kirkham
Miss Bray	Anne Schaeffer
Pinkie Moore	Maxime Elliot
Dr. Rudd	John Steppling
John Maxwell	Paul Willis

OPINIÕES DA CRITICA

A sinceridade com que Mae Marsh interpreta o seu papel nesse film, o auxilio que lhe prestam os demais artistas, uma direcção perfeita, fazem com que classifiquemos esta produção entre as boas.

Moving Picture World.

Agradavel e adequado papel para demonstrar as qualidades de miss Marsh.

Exhibitor's Herald.

Tem grande interesse sentimental.

Exhibitor's Trade Review.

Mae Marsh em um papel que só ella poderia desempenhar.

Wid's.

Mary Cary tinha a impressão de que toda a vida não passava de um toque de sineta, depois d'outro: toque para levantar, toque para almoço, toque para a reza, toque para o jantar, e duzias de outros toques que, a todo o proposito, pontuavam as suas horas, pelo dia afóra.

— Se eu ao menos pudesse fazer qualquer coisa por minha propria vontade, em vez de a fazer por alguém assim m'o ordenou, a toque de sineta, não me seria tão penoso ser orphã! — dizia ella por vezes, lamentando-se a Pinkie, com uma expressão de precoce velhice naquelles olhos de um azul cinzento que lhe illuminavam o rosto tristonho e sensitivo.

A vida, no orphanato de Yorkbury, mesmo para as internadas menos sensíveis, não era nada alegre e Mary Cary, essa então, soffria atrozmente sob a implacavel rotina. Ella não era como outras, mais felizes, que podiam evocar no passado um pae ou uma mãe, e faziam dessa lembrança um remoto horizonte á sua vida, um conforto nas horas de maior adversidade.

— Ah! tivesse eu um pae, e pouco me importaria que elle me batesse! Tivesse-me Deus dado uma mãe e eu a adoraria, mesmo que ella não me quizesse! — costumava dizer. A sua paternidade era, porém, uma coisa de mysterio, ou — o que era ainda mais cruel — de especulação.

Quando havia visitas ao Orphanato, era sempre um grande acontecimento. O dia, porém, em que Katherine Trent penetrou na vida de Mary Cary foi como o primeiro contacto do sol para uma flor que sempre tivesse vivido na treva. Miss Trent era uma coadjuvante para quem o dinheiro não era estímulo, para quem o seu serviço de dedicação pelas crianças era uma alegria. Viera como uma visita eventual, e só voltara para dar ás criancinhas a influencia da sua suave belleza, do seu saber de enfermeira, de toda a meiguice da sua pessoa.

— Pinkie querida! Sabes? Ella vem para ficar! — exclamou Mary Cary, em extase, para a sua camarada. — Verás que agora, na presença de um anjinho como aquelle, miss Bray não se atreverá mais a castigarnos. Miss Bray e o dr. Rudd são frios

e duros como o ferro, ao passo que miss Katherine Trent é doce e meiga como uma rosa que eu vi uma vez!

— Talvez que, com a chegada della, os toques de sineta dêem uma folga na gente!.. — commentou Pinkie.

— Sim, talvez; mas, agora tão pouco me importarão tanto os toques de sineta como me importavam até aqui, pois sempre estarei á escuta daquelle que me chamar para junto della! Ha de ser com certeza o toque de alguma sinetazinha de prata ou de ouro!

O que havia de mais agradável com relação ao cargo de miss Katherine Trent ao estabelecimento é que as orphãzinhas podiam vel-a sem ter que esperar que a sineta dêsse para isso nenhum signal. Ella apparecia nos logares mais inesperados e nas occasiões mais propicias. Miss Bray não approvava, porém, de fôrma alguma, o seu procedimento:

— Hum, hum! — dizia ella — Esta moça acaba dando em terra com a disciplina da instituição! Do que as crianças precisam é de ordem e vara, e ella não sabe senão fazer-lhes festas e carinhos! Ora, está muito bem que essa moça nos traga o seu dinheiro, de que muito precisamos; mas, quanto á sua bondade prejudicial, bem melhor era que ella a guardasse para si mesma!

Essa opinião coincidia exactamente com a do Dr. Rudd; mas foi o parecer dos demais directores que decidiu da pendencia, com a ponderação de que não era facil dispensar, assim de prompto, os serviços que miss Trent prestava á instituição.

— Pobres crianças! De carinhos, justamente é que ellas precisam mais! — reflectia miss Trent, e todo o amor latente em seu coração, toda sua meiguice acudiam á fome de affecto que tinham as pobres crianças. Pela primeira vez, nas suas vidas ermas, conheceram ellas a verdadeira significação do que era belleza, romance, desinteresse, honra, verdade, distincção. Consciente ou inconscientemente, todas as mocinhas se fizeram mais meigas, mais asseadas, mais affectuosas, mais moderadas na voz, mais nobres nas maneiras e nos propósitos, por influencia de Katherine, que se movia entre ellas.

O invisível vinculo que ligou o coração de Mary Cary a miss Trent, desde que ella viu da plataforma da aula naquelle momentoso dia de visita, foi se tornando mais e mais forte com o correr do tempo. Aos poucos expandiu-se a delicada belleza de alma da criança. Como um entezinho faminto, ella bebia a affeição a cada hora.

— Ella é diferente das outras — reflectia consigo miss Trent, a principio. — E' de um grão fino como uma porcel-



A vida no internato não era nada alegre.

lana de Dresden e está tão deslocada aqui como estaria uma planta sensitiva em semelhante ambiente.

Interrogou miss Bray a respeito da vida de Mary Cary e de seus paes; mas miss Bray apenas abanou a cabeça, dizendo:

— Nada sabemos a tal respeito.

Certo dia, miss Trent mandou chamar Mary, para que lhe fizesse um recado:

— A senhora dá licença que Pinkie vá também? — pediu Mary, e miss Trent, com um sorriso, deu-lhe o seu consentimento. — Vão as duas entregar estas conservas á casa da sra. Regan, e voltem immediatamente.

Miss Bray interveiu:

— As crianças não podem sair com esta chuva!

— Mas promettemos á senhora Regan estas conservas para hoje, e ella conta com ellas. Além do que, as crianças estão bem abafadas, de maneira que a chuva nenhum mal lhes pode fazer.

— Já disse que as meninas não podem sair.

— Não desejando embora parecer obstinada nem desagradavel, insisto em que ellas vão! — disse miss Trent tranquillamente, entregando o volume a Mary Cary, que fez uma careta satisfeita por detraz da ultrajada miss Bray. Depois, atirando um beijo a Katherine Trent, Mary e Pinkie metteram-se á chuva, alegremente.

Tinha passado quasi uma hora quando as duas raparigas voltaram ao Orphanato. E nessa hora aconteceram mais cousas a

Mary Cary do que jámais acontecera em toda a sua vida. A chuva reduziu-se a uma batega que passou antes dellas sahirem de casa da senhora Regan, e o sol, apparecendo num jacto de esplendor, como um magico arranca coelhos de dentro de um chapéo, arrancou para a rua os rapazes, anciosos por se entregarem, nos terrenos vagos, ás delicias do "base-ball".

Foi por certo o acaso que levou John Maxwell a jogar precisamente no terreno que Mary e Pinkie atravessaram para regressar ao Orphanato. E decerto foi o acaso também que agarrou na bola, vinda das mãos de John, fel-a passar com grande força pelo "batter" e a levou em linha recta a encontrar o nariz de Mary. Ali bola parou e Mary parou também. Não gritou, nem se pôz a chorar, porque a coisa foi de tal modo subita que não lhe consentiu tempo para tal. Houve um momento em que dansaram deante dos seus olhos todas as estrellas do universo, e logo depois, outro momento de treva compacta. Em seguida, um liquido qualquer começou a pingar-lhe pelos labios.

— Livra! Olha lá o que tu fizeste: machucaste a guria! — explicou um pedacinho de juventude deste tamanhinho, tolo marcado de sardas. E foi logo, em volta de Mary, um enxame de rapaxinhos que o pavor mantinha no mais rigoroso silencio.

— Desculpe-me! Oxalá não se machucasse muito! — ouviu pronunciar uma voz que já se encaminhava para a virilidade, ao mesmo tempo que uma forte mão se

pousava no seu hombro. Outro pequeno acudiu com um lenço, a apanhar o sangue que já corria pelo queixo, á pobre Mary.

— Juro-lhe que por nada a machucaria proposadamente. Vi só aquelle "bat" que me desafiava, e mandei-lhe um balaço de metter medo! Mas foi sem querer, juro-lhe!

— Parece que está quebrado! — commentou gravemente a rapariga, ainda por demais aturdida para fazer outra coisa que não fosse apalpar o nariz devagarinho.

— Pelo amor de Deus, não diga isso que até me causa remorsos! A senhora sabe muito bem que eu não seria capaz de fazer isso de proposito, não é verdade?

Attrahida pela formosura, pela bondade do rapaz, Mary Cary consentiu que elle lhe enxugasse de todo o sangue. O rosto que se revelou á sua visão depois que cessou a pequena hemorragia, parecia a Mary uma mistura de principe Arthur, S. Jorge, sir Galaad, o principe de Cinderella, e todos os demais heroes que miss Trent se habituára a amar. E os seus olhos baixaram-se ante o olhar directo que o rapaz lhe dirigia.

— A senhora sabe que eu não o faria de proposito, não é verdade? — repetiu Johnny.

— Sim, sim, sei bem! — respondeu Mary.

— O meu nome é Johnny Maxwell. E quem é a senhora? — perguntou Johnny, depois que os outros rapazes, verificada a nenhuma gravidade do caso, voltaram á animação da sua partida.

— Eu, só Mary Cary, sem mais nada.

— Olha lá, Mary! — fez Pinkie.

Miss Trent recommendou-nos que voltássemos immediatamente!

— Mary Cary é um bonito nome, e ficallhe muito bem! — disse Johnny Maxwell, e Mary logo disse de si para si que o nome delle era principe Encantador, e não Johnny Maxwell.

— Até depois! — foi tudo quanto ella se animou a dizer, e enfiando o braço no de Pinkie atravessou todo o terreno baldio, por sobre um tapete magico que se estendia, banhado em ouro e prata, numa distancia infinita...

O passeio terminou para Mary abruptamente, á porta de entrada do orphanato, onde miss Bray a esperava. Pinkie foi mandada em paz, mas Mary teve ordem de se dirigir ao gabinete dos directores, sem mais demora. Acompanhava-a miss Bray, levando na mão um livrinho que Mary immediatamente reconheceu: era o seu diário.

Para certas pessoas, um diário é tão somente um livro de notas onde se registram as condições meteorologicas, os recados feitos, as tarefas de cada dia, cada semana ou cada mez, de conformidade com a orientação do espirito do proprietario do livro. Mas o diário de Mary Cary era uma cousa viva; um substituto dos amigos e paes, que ella não tinha; um ouvido amigo em que ella despejava o coração! Em geral, guardava-o em segurança em algum recanto. Hoje, porém, tinha-se esquecido e deixára-o em algum lugar onde miss Bray, no esforço de inventar alguma coisa que lhe servisse para atormentar a pobre menina, o tinha ido descobrir. O que miss Bray leu naquellas pagellas sonhas satisfeito os mais ardentes sonhos de vingança de Mary, se ella os tivesse de verdade. Mary tinha, porém, conversado com o seu diário, e o que ali escrevera era tão só a verdade, a simples verdade do seu coração.

Ali se encontrou a superintendente classificada como uma creatura de aço e gelo, substancias de que também era feito, se-



Mary Cary consentiu que elle lhe enxugasse todo o sangue.

gundo a dona do diário, o mais estremo dos seus partidários, o dr. Rudd. O contraste entre a sua pessoa e a de Katherine Trent, tal como o expusera Mary, arrastou-a a uma cólera indizível.

E agora, enfrentando a rapariguinha, no seu gabinete, deu soltas a válvula da loquacidade, e a alma de Mary Cary teve que submeter-se à torrente de cólera que acommettera a sua inimiga. Ficou sem nada dizer até o momento em que miss Bray, de tanto falar, perdeu as forças para prosseguir. Depois disso, Mary impertigou-se, porém, e com um sorriso escarminho afirmou:

— Tudo, tudo quanto eu escrevi não é senão a verdade!

As palavras mal tinham tido tempo de se fazer ouvir, quando a superintendente cingiu os dois bracinhos da pequena como num círculo de ferro e começou a sacudi-la, até de novo perder o fôlego e os seus dentes correrem risco de lhe saltarem pela bocca fóra.

O castigo terminou tão abruptamente como começara, quando se abriu a porta e miss Trent caminhou para as duas.

— Que significa isto, miss Bray? — perguntou. Perpassava na sua voz um retinir de aço.

Mary Cary, exhausta do castigo, cahiu aos soluços na mais próxima cadeira, e continuava ainda a chorar convulsivamente, quando miss Trent a levantou com meiguice e a acompanhou ao seu quarto.

Nessa noite, Katherine Trent, nem por um momento se separou da cabeceira de Mary. O soluçar da menina cedeu o passo a uma série de calefrios, após os quaes se declarou uma febre violenta. Mary que, no seu delírio, soffria ainda a cruel punição da tarde, manifestava uma extrema agitação.

A molestia prolongou-se por muitos dias e miss Trent, nem por um segundo, confiou a sua amiguinha a outros cuidados que não os seus. Lia a Mary, conversava com ella, dava ouvidos aos sonhos, às esperanças, às aspirações que lhe formulava a menina. Com a volta das forças, voltou o pensamento de Mary áquelle rapaz que se lhe dera a conhecer sob o nome de Johnny Maxwell. Contou o caso a miss Trent, e a enfermeira abnegada, a confidente, que



Não raro houve casuaes encontros com Johnny Maxwell.

pouco mais era, ella propria, do que uma criança, sustou a respiração quando ouviu a ingenua declaração, feita por Mary, de que Johnny era o principe Encantador.

— A senhora nunca teve um Principe Encantador, Miss Catherine? — perguntou Mary tão inesperadamente que Miss Trent não teve tempo de se pôr em guarda. Absteve-se de responder por um momento; mas segurou com força a mão de Mary, e deixou que os seus olhos, pela janella, vagassem pelo campo, lá fóra. Depois, lentamente, esboçou um sim com a cabeça.

— Ah, eu bem sabia que havia de ter! A senhora é tão meiga, tão joven, tão linda! Conte-me, conte-me, sim?

— Mary Cary: não ha, verdadeiramente, nada que contar. Eu... mandei-o embora. E ás vezes tenho a impressão de que elle não era um verdadeiro principe!...

— Ah, mas a senhora devia ter a certeza! Eu cá tenho a absoluta certeza! De resto, não acredito que elle se atrevesse a querer-lhe bem, se não fosse um verdadeiro principe. Onde está elle agora?

— Não sei, — respondeu Katherine Trent. E a seguir, apressadamente — Bem, basta de dar á lingua: agora, é hora de tomares o teu remedio, e eu vou-t'o buscar.

Nunca mais voltaram as duas a conversar do Principe Encantador de Miss Trent; mas um novo fio reforçou, desde esse dia, o laço de amor e sympathia que as prendia uma á outra.

Mary Cary restabeleceu-se e nunca mais teve outra pessoa que tomasse conta della senão Miss Trent. Miss Bray assustara-se por tal modo com as consequências daquelle seu arrebatamento de cólera que nunca mais quiz ter nada que ver com a pequena. A vida de Mary Cary foi cada vez menos regulada por toques de sineta, e cada vez mais pelo que Katherine Trent reputava de melhor conselho para ella. Tanto vale dizer que Mary Cary, de então por diante, fez sempre exactamente o que quiz fazer.

Era ella que sempre ia a casa da Sra. Regon, a recados de toda a especie. A's vezes não tinha mesmo ordem para voltar immediatamente, e ali se demorava por algum tempo, a conversar. Não raro houve "casuaes" encontros com Johnny Maxwell, no ponto fatal do terreno baldio e nas suas proximidades. Aos olhos de Mary o rapaz ganhou grande prestigio, porque não acompanhava os demais rapazes na sua aversão a passear com ella, a carregarem o volume que ella levava. Não havia orgulho da parte de Mary, na sua acceitação da amizade, dos galanteios do rapaz, encantado sempre pela doce modestia da menina, pela franca admiração que ella lhe testemunhava, sem o minimo toque de "coquetterie". Era um rapaz de caracter puro, a caminho de uma virilidade sã, e como tal achava que Mary Cary, pura e simples como era, lhe convinha perfeitamente.

Uma tarde, quando foi á casa da Sra. Regon, verificou que havia ali varias pessoas em visita. Collocada a pequena dis-



E agora enfrentando a rapariguinha no seu gabinete.

(Continúa no fim da revista)



EUGEN O'BRIEN



I Gleda Lott
II Beffie Barriscale
III Marie Mosquini
IV Harold Lloyd
Childred Dair

O FILM FRANCEZ



O Times, grande jornal londrino que occupa o primeiro posto na imprensa européa e um dos primeiros na imprensa mundial, acaba de tomar uma iniciativa que bem demonstra a importância que em toda a parte vai conquistando o cinema, ha alguns annos tão desdenhado. Publica esse leader da imprensa, semanalmente, um supplemento inteiro consagrado ao cinema. No primeiro numero vêm varios artigos de valor estudando a evolução da arte cinematographica em quasi todos os países productores, firmados esses trabalhos por pessoas que não se polam, por falsa modestia ou respeito humano, de se occupar dessas questões.

M. Norman Wright, que é considerado na Inglaterra um profundo conhecedor do assumpto, traça nesse numero as suas impressões sobre a industria cinematographica em França e seu futuro. Visitou elle os studios Gaumont, Pathé e Eimileff, ouvindo a perfeita instalação de todos. Assistiu ao trabalho que nelles se fazia e conversou com varios productores e directores de scena. Abel Gance disse-lha: "Estou absolutamente convencido do grande futuro que caberá a essa industria; deploro naturalmente os erros do começo, que devemos encarar entretanto como faltas de juventude e nada mais. Chegamos á adolescencia, agora o resultado do nosso trabalho apresenta-se-nos cheio de risonhas promessas".

Mercanton fez-lhe confidencias: "Durante a guerra a produção européa cessou quasi. Entretanto devem satisfazer-nos os passos acantados que a nossa industria tem dado nestes ultimos tempos. O erro unico, no meu modo de ver, foi a grande pressa em produzir quando o aparelhamento não tinha ainda perfeição bastante nem o pessoal responsavel pela produção a pratica necessaria. O primeiro successo do film francez, devido ao cansaço que o publico experimenta já pela produção americana, que longa e despoticamente reinára sem concorrência, teve como effeito a appareção de uma massa formidavel de productos atrezoas que já-nais conseguiriam ser acolhidos no mercado, hoje. Essa produção ruim deu em resultado desanimar o capital: é por isso que tão difficilmente elle accorre hoje em auxilio da produção".

Mr. Mercanton é um fervido advogado de uma aproximação mais intima entre o productor e o exhibidor, afim de remediar certos contratempos que existem na França e em outros países. Acredita que uma organisação semelhante ao First National, dos Estados Unidos, poderia salvar a situação. "Que se crie em cada país um First Na-



Diana Allen
Betty Carpenter

tional, e sejam essas associações filiadas de alguma sorte ou por meio de um aranje baseado no que se pratica com as salas de reuniões para o balanço de contas entre os banqueiros de uma sociedade. Com esse systema, desde que um film



esteja pronto para ser distribuído, uma cópia seria enviada imediatamente a cada secção do território. Esta fixaria desde logo o valor do film para esse território e garantiria uma proporção imediata de crédito sobre a venda eventual ou a distribuição do film. E' o unico meio possível de salvação.

Os productores francezes são em geral de opinião que os films tenham caracter internacional. Mme. Schuepbach disse a Norman Wright, com franqueza muito de se louvar, que na actualidade a posição da industria do film não é a que devia ser, levando principalmente em conta as incomparaveis possibilidades de desenvolvimento e de perfeição que offerece um país tão rico de bellezas naturaes e em um centro de intelligencia como é a França. Toda gente deve se lembrar que antes da guerra era a cinematographia franceza a primeira do mundo. A peor phase da crise parece já ter passado. Pouco a pouco a producção se res-tabelece e normaliza-se, não cessando a qualidade tambem de melhorar. Um grande numero de artistas está sem trabalho e um certo numero de obras foi já produzido que forçaram a admiração dos mais temerarios concorrentes da industria franceza. Basta citar *J'accuse*, *A sultana do amor*, *Viajes voilées...*, *Ames closes*, *L'Atlantide* e *Os tres mosqueteiros*.

EDDIE POLO (Rolleaux) deixou a Universal, fundando companhia propria, a "Eddie Polo Serial Corp.", que annuncia a confecção de seis super-series.

TOM MOORE é o leading-man de Betty Compson no film da Paramount, *Over the border*, dirigido por Penrhyn Stanlaw.

JUNE CAPRICE é casada com Hurry Millard, director da Fox Film. Seu casamento foi conservado secreto por motivos de... de... fita, naturalmente. 85 nestes ultimos tempos se divulgou, quando já não podia ser escondido. June está aumen-tando da féla.

BERT LYTELL, artista da Metro, será o leading-man de Betty Compson em *To have and To hold*, film que Fitzmaurice dirigirá para a Paramount. Nesse film figuram tambem os dois Theodores — Roberts e Kosloff.

As estrelas da Realart estão perdendo o brilho depois da absorção dessa marca pela Paramount. E' assim que Wanda Hawley figurará em plano secundario em um film de Dorothy Dalton. May Mc Avoy deve apparecer em outro film, nas mes-mas condições.



Loeda Gray



O destino de um rei

Fredericus Rex

FILM DA CSERE'PY FILM

Produção de 1922

DIRECÇÃO DE ARNEM VON CSERÉPY

PERSONAGENS:

Frederico - Guilherme I, rei da Prussia
Sophia - Dorothea, rainha da Prussia
Frederico, príncipe herdeiro da Prussia
Guilhermina, princesa da Prussia
Isabel - Christina, princesa real da Prussia
Senhora de Morien, dama de honor da princesa real
Príncipe Leopoldo de Anhalt-Dessau
Tenente-general von Grumbkow
Conde de Seckendorff, embaixador imperial junto à corte de Frederico Guilherme
Coronel von Schark
Coronel von Rockow
Coronel von Katte
Tenente von Katte, amigo do príncipe herdeiro
Tenente von Keith, amigo do príncipe herdeiro
Von Poellnitz, mordomo do rei da Prussia
Senhora von Kameke, mordoma da rainha da Prussia
Muller, capellão do Regimento de Gens d'Armes
Doris Ritter, uma rapariga de uma humilde família de Potsdam
O cantor Ritter, seu pai
Quantz, mestre de musica do príncipe herdeiro
Barão von Gundling, bobo da corte do rei Frederico - Guilherme I
O ajudante de camara do rei
Fredersdorff, ajudante de camara do príncipe herdeiro

ALBERT STEINBUCK.
Gertrudes de Lalsky.
OTTO GERBUR.
CHARLOTTE SCHULZ.
Erna Morena.
Lilly Flohr.
Ed. von Winterstein.
Bruno Decarli.

Eugen Burg.
Theodor Burgarth.
Josef Klein.
Adolf Klein.
F. W. Kaiser.
Rolf Praseh.
Franz Gross.
Maria von Bulow.
Albert Patry.

Lily Alexandra.
Wilhelm Prager.
Paul Rehkopf.

Hans Behrmdt.
Leonhard Kaskell.
Karl Platen.

Damas da corte, gentis-homens, officiaes dos regimentos prussianos, pagens, laçaios, soldados da guarda gigante de Potsdam, populares, etc.

Logares da acção: Berlim, Potsdam, Rheinsberg, Kuestrin, Sinsheim, etc.

PRIMEIRA PARTE — IMPETOS E TORMENTOS DA JUVENTUDE

A Prussia é pequena; mas, graças à economia do rei, à disciplina e virtudes patrióticas que elle propugna, é sufficientemente poderosa para que a cortejem as grandes potencias, notadamente a Inglaterra e a Austria. Uma e outra querem ter por amigo o rude e energico rei de soldados. O casamento era então a forma mais agradável de estabelecer uma ligação politica, e dahi o desejo que tinha o rei de Inglaterra de casar seus filhos com o príncipe herdeiro da Prussia e com sua irmã Guilhermina. Esse projecto seria muito do agrado da rainha da Prussia, que, por ter sangue inglez nas suas veias, faz o quanto pôde por favorecel-o. A Austria, porém, do seu lado, não emprega menor esforço para lograr igual objectivo. O seu embaixador, o conde de Seckendorff, consegue, por bom dinheiro, subornar o poderoso general Grumbkow. Ambos se valem da sua intimidade com o círculo dos fumadores do rei, para conquistarem a sua sympathia.

O príncipe herdeiro Frederico e sua irmã Guilhermina são ambos jovens. As finanças francezas agradam porém mais às mãos finas do joven príncipe do que a dura tunica militar de tres botões. Guilhermina adora seu irmão. Frederico, que já tem o retrato da sua noiva de Londres, visita todas as noites Doris, a filha do cantor Ritter, e requesta-a ao som da sua maviosa flauta, que já mais deixa de levar por sob a capa. O príncipe tem

por confidente o mais gentil bohemio da guarnição de Potsdam, o tenente von Katte, moço de tal audacia que não trepila em levantar para a princesa Guilhermina os seus olhos amorosos. Se o velho rei viesse a saber de semelhante cousa! Mas Frederico tem sorte, pois, apesar do general Grumbkow procurar semear a desconfiança no espirito do pai, aproveitando uma escapada amorosa do mancebo, quando o soberano sobe a procural-o em seu aposento, elle ali acaba de introduzir-se. Com tudo isso o pai começa a desconfiar. Não são agradaveis as perspectivas para o joven capitão Frederico... De manhã elle provoca o aborrecimento do rei no campo de instrucção, e vê-se preso em seu quarto, antes de ter tempo para se desculpar. Felizmente... ha janellas.

Para consolação, depressa a flauta, e a caminho da casa de Doris! A esse tempo, o rei já dissipa o seu mau humor no círculo dos fumantes, entre grandes nubes de fumo.

Grumbkow conseguiu surprehender uma carta do príncipe, dirigida à Inglaterra, e logo a intercepta. Nessa carta, Frederico explana os seus pontos de vista sobre a questão do matrimonio com certa independencia e rebeldia. O rei logo que interrogar seu filho. Mas o quarto está vazio: o preso evadiu-se! O rei enfurece-se, põem-se em movimento as patrulhas. Mas o fiel Katte, que suspeita do que occorre, vai onde está Frederico e livra-o de perigo. Os guardas encontram apenas a pobre donzella, que é levada à presença do rei, e este, ardendo em colera, manda

que ella seja açoitada. Neste momento chega porém Frederico, que, inteiramente fóra de si, lança-se contra seu pai...

O rompimento é irremediavel! Frederico tem que fugir para longe da Prussia, que para elle não é senão uma prisão! Katte acompanha-o: é que também a elle, espicaçam-n'o as ancias da liberdade e do perigo! As montadas são apromptadas num momento; mas eis que Grumbkow apparece e annuncia que o rei, ao dia seguinte, iniciará a sua viagem de inspecção à Allemanha do Sul... e precisamente com o príncipe herdeiro. Em Sinsheim tudo parece, ao príncipe e ao seu amigo, propicio para a fuga, e dis-



Entre as damas da Corte.



A noiva, Christina de Brunswick.



Em casa de Doris.

rante a noite Frederico, de facto, consegue abandonar o palheiro que está servindo de quartel-general.

Keith obteve cavallos, e já na sella respiram os dois moços o ar da liberdade! Mas o severo coronel Rockow, que se interpõe entre os dois. Manda por rem levar seu filho, fortemente escoltado, para a fortaleza de Kuestrin. Katte, a esse tempo, também dançava em Berlim a sua ultima dança... com Guilhermina. Mas, ao final da dança, elle tem que entregar a sua espada aos seus captivos.

Chega o rei e, com elle, o tribunal disciplinar.

— Vamos a ver esse Katte!

O joven official responde corajosa mente:

— Não ha senão um culpado: eu!

— E esse retrato da princeza Guilhermina que trazes debaixo da tunica?

Katte não fraqueja. Resta-lhe apenas aguardar a deliberação do tribunal disciplinar. A decisão desse tribunal também, entretanto, não satisfaz o monarcha: Katte e Frederico têm que morrer! Tal é a vontade do rei!

SEGUNDA PARTE — PAE E FILHO

Frederico está recluso na sua cellula cinzenta da fortaleza de Kuestrin, quando Grumbkow entra e lhe ordena, por mandado real de seu pae, que se approxime da janella. Encosta então o rosto trans-

mutado aos varões de ferro da janella e vê, lá fóra, o carrasco e o seu fiel camarada Katte, que é conduzido ao cadafalso. Por ordem de seu pae terá que assistir á execução. Ao lado do principe, como executor da régia ordem, ergue-se a fria figura de Grumbkow. O carrasco deixa cair a arma: Katte foi executado!

Quando Frederico, que perdeu os sentidos, volta a si, encontra, a seu lado, o corajoso capellão Muller:

— Abrahão quiz sacrificar a Isaac... A lei divina está acima da vontade humana!



O velho rei.

O servo de Deus conhece o coração do rei que, apesar de tudo, estremece seu filho. E, lenta e amorosamente, consegue approximar as duas almas incompatíveis.

As horas de solidão, passadas por detrás dos varões das janellas da prisão, apagam no espirito do joven principe todo o traço de levandade. Kuestrin fez dele um homem com uma clara visão das necessidades da vida...

Eil-o livre, agora. Chega o regimento

com a banda e as bandeiras desfaldadas ao vento e o principe de novo faz juramento de obediencia. Agora poderá de novo cingir á cintura a sua espada. Pae e filho voltaram a encontrar-se. Frederico aceita agora, submisso, a mulher que seu pae e seu rei lhe destinou por esposa: Christina de Brunswick. A razão do Estado está acima da felicidade humana. Não ama elle sua esposa, que delle debalde busca approximar-se com palavras de amor. A flauta é a sua melhor companheira. Tanto mais o acompanha quanto mais elle se vê rodeado de bellas damas, entre as quaes se destaca pelos seus encantos a senhora de Morien. Um dia um chamado urgente vem interromper-lhe um agradável passeio de gondola, em galante companhia. Chega um correio. Serviço do rei! Um correio extraordinario de Potsdam! O rei jaz moribundo...

A juventude passou: soou a hora do dever!

O principe herdeiro corre a Potsdam. O rei abre-lhe o seu coração, já quasi morto. Encontrou por fim o seu filho, mas tarde em demasia. O exercito espera o seu caudilho; o paiz, o seu governante. Mais uma vez o passo da guarda de gigantes resoa como um açoite, sobre as veneraveis pedras da Praça de Armas. E o coração moribundo lateja cada vez mais fraco, até se extinguir de todo.

— O rei é morto! Viva o rei!

A multidão aclama o joven monarcha que manda generosamente abrir ao povo os cellos reaes, onde, por economia de seu pae, se mantinham vultuosas reservas de cereaes de todo o genero. O exercito e a nobreza rendem homenagem ao novo monarcha, que lhes apresenta a soberana. Desenrolam-se bandeiras e estandartes. E estrugem os vivas do povo: Viva o rei! Viva o rei!

PRODUCCAO ALLEMA

A Union prepara: "O favorito da rainha", "Miguel Kohlhaas", "O sincero de Notre Dame" e "A garra".

A Gloria Film: "Demetrio" e "Manuela Verde".

A Terra: "Ascensão de Juanita".

A Ilag: "De manhã até meia noite".

A Rideg: "Merista, a dansarina", "O Marquez de Bolivar", "Guilherme Rattcliff" e "A filha do brigadeiro".

CLAIRE WINDSOR é uma das mais bellas artistas da tela. Nasceu em Cawker, Kansas, uma aldeiazinha de 875 habitantes. Começou como extra e logo attrahiu a attenção de Allan Dwan, que a contractou. Lois Weber tomou-a depois a seu serviço, dando-lhe a interpretar varios de seus films. Trabalhou para a Famous Players e Goldwyn. Actualmente apparece em produções do First National, entre elles o film de Marshall Neilan, *Fools First*.

EDITH ROBERTS está trabalhando com Douglas Mc Lean no film de Ince, "The Sunshine trail". A direcção é de James House.

MADGE BELLAMY, que appareceu com Jack Holt em "Jornada da Morte", toma parte com Cullen Landis e Noah Beery em "Someone to Love" de Ince.

BETTINA CAMPBELL é uma linda artista ingleza, de variedades, ora nos Estados Unidos. Trabalhou na Italia com

Marie Doro e está actualmente na Robertson Cole.

TOYO FUGITA é um dos bons artistas japonezes que trabalham na California, tomando parte frequentemente nos films de Hayakawa.

RICHARD DIX deixou a Goldwyn, passando-se para a Paramount. Será o *leading-man* de Betty Compson em um novo film.

Sob a direcção de Ludwig Czerni prepara a Noto-Film a primeira opera cinematographica, com musica de Ferd. Hummel, "Do outro lado do rio".

"O mercador de Veneza" será filmado brevemente por George Jacobi, para a Ufa.

Entre os assumptos tratados e resolvidos na Convenção de Washington, dos Exhibidores, está a dispensa dos intermediarios entre productores e exhibidores, ficando esse serviço centralizado por accordo, entre uns e outros. Sete propostas foram apresentadas para fazer esse serviço e remettidas a uma commissão que as deverá estudar, autorizados os directores da M. P. T. O. A. a aceitar a melhor.

Wesley Barry tem actualmente 14 annos, e á proporção que lhe augmenta a idade cresce-lhe a fama. E' natural de Los Angeles, ruivo e sardento, como poucos.

Em "Papae de perna grande", film de Mary Pickford, figura o rapazinho em um dos seus melhores papeis. Foi nesse film que Marshall Neilan, notando-lhe as excepcionaes qualidades, resolveu fazel-o *astro*, com elle fazendo "Penrod", que foi um verdadeiro triumpho.

"O Carnaval de Toledo" será a nova produccão de Ernest Lubitsch.

Em vez de John Robertson é Fred. Niblo que vae dirigir o novo film da Paramount, "Blood and Sand", extrahido da novella de Blasco Ibanez, do mesmo nome.

Harry "Snub" Pollard, consta, está noivo de Marie Mosquini, sua companheira nas comedias Hal Roach.

Continuam a correr rumores do casamento de Harold Lloyd e Mildred Davis.

"Lost and found" é o ultimo film de Jackie Coogan, a genial creança que "The Kid" immortalizou.

"A Panthera Negra", com Florence Reed, obteve louvores da critica ingleza.

O primeiro film de Carlito para a United Artists, começado agora, será em seis partes, como "O Garoto".

Seena Owen, Gladys Leslie e Matt Moore apparecem no film da Comopolitan, "Sisters", dirigido por Albert Capellani.

QUEM COMPREHENDE A MULHER ?

(MORALS)

Film Realart — Produção de 1922

DISTRIBUIÇÃO:

Carlota	MAY Mc AVOY
Sir Marcus Ordeyne	WILLIAM P. CARLETON
Sebastian Pasquale	William E. Lawrence
Judith Mainwaring	Kathlyn Williams
Antoinette	Bridgetta Clark
Stinson	Sidney Bracy
Harry	Starke Peterson
Handi	Nicholas de Ruiz
Mrs. Mc. Murray	Marian Skin-

Ao tempo de se encontrar com Carlota, sir Marcus Ordeyne estava escrevendo um livro de erudição sobre a moral da Renascença.

Sir Marcus Ordeyne, se o paradoxo se pôde aplicar, tinha uma verdadeira paixão pela moral, pelo seu estudo, pela sua exposição. Não que a moral apaixonasse verdadeiramente ninguém, nem coisa que com tal se pareça. Mas, o certo é que era ella que absorvia em grande parte o seu pensamento, que constituia em grande parte, a sua ambição de homem de estudo.

— A moral — costumava elle dizer — é a espinha dorsal da collectividade humana. Sem a moral...

E por ali continuava, com as mãos a auxiliar o argumento, os dedos longos e aristocráticos, abertos num gesto de quem condemnava uma humanidade sem moral a uma innominavel Sodoma e Gomorra.

O outro interesse da vida de sir Marcus era a sra. Judith Mainwaring. Havia no remoto horizonte da vida da sra. Mainwaring um marido qualquer. De vez em quando ella deixava-se mesmo levar a falar delle, mas sem fazer do ausente um retrato que nos deixasse ver muito da sua nebulosa personalidade. O que as suas palavras nos faziam, porém, era ter pena, uma enternecida, uma poetica pena da sra. Mainwaring. Não se sabia bem porque; adivinhava-se que tinha ella sido victima de uma grande injustiça, e que, segundo todas as probabilidades, o autor dessa injustiça não fôra outro senão o Sr. Mainwaring.

Sir Marcus Ordeyne delectava-se muito na companhia de Judith. Era grande parte porque estava acostumado com ella, mas nisto jámais elle reflectira. Por outro lado, ella fazia-o encontrar o confortavel. A sua sala era sempre um lugar hospitaleiro e encantador. Ali elle encontrava sempre um "tête-à-tête", se queria, ou um grupo de pessoas interessantes, quando, porventura, se sentia sociavel, o que nelle era bem raro. Na primavera, flores pittorescamente escolhidas, dispostas por mãos habilidosas. Se vinha o arpejo do outono, se o inverno estava no seu rigor, uma boa lareira, e junto della, as ultimas revistas, os melhores livros. Mais ainda: Judith sabia escutar á maravilha, e quando sir Marcus Ordeyne lhe expunha circumstanciadamente a moral das épocas passadas, a linda moça formava, naquella ambiente um quadro que acriava o olhar do estudioso. Judith tornava a moral da Renascença uma coisa vivida, uma coisa viva. A's vezes, ella punha-se a balucear garridamente a sua sandalia na ponta do pé calçado de seda, e deixava-a finalmente cair. Sir Marcus Ordeyne não se furtava ao seu dever de gentleman e, ajoelhado aos seus pés, promptamente re-

stabelecia no seu lugar a gentil concha de seda. Em geral, fazia-o continuando a conversar de ethica e quejandos assumptos, sem que o sangue, nessas occasoes, deixasse de lhe correr ordeiramente nas veias.

Assim, de facto, succedeu sempre, até elle encontrar Carlota.

Antecipemo-nos, porém, um pouco a esse encontro. Um dia, a sra. Mainwaring deixou cair uma vez mais a sua sandalia, e quando elle lh'a reajustou no pé disse-lhe, numa voz que fazia um esforço por não ter timbre:

— O senhor acha que daqui a oito annos estará ainda a fazer isto, precisamente do mesmo modo que agora o faz?

Reposta em seu lugar a sanualazinha, forrada de ouro, sir Marcus recolheu as provas do seu manuscripto, restituiu-se á cadeira preguiçosa que occupava em frente á senhora, e interrompeu uma cantante risada, para dizer:

— E' bem provavel... E será com grande satisfação: são delectuosos momentos da minha vida, estes que eu passo junto á senhora!

— Delectuosos momentos! — repetiu Judith a sorrir. — Mas, o senhor não se vai contentar com isso durante todo o resto dos seus dias, Marcus! Um bello dia, alguém o ha de despertar do somno, e o senhor verificará então que a moral da Renascença e a sua veneranda casa avoenga, e o seu criado grave, as suas viagens annuaes ao Continente, e eu — sim, eu propria! — somos, todas, cousas secas, bem secas e áridas, como o pó! Ao mesmo tempo o senhor descobrirá que lh' não corre nas veias o fluido azul dos Ordeynes, mas sim um sangue bom, um sangue generoso e quente. Alguma creatura moça, Marcus, de olhos anciosos por ver, alguma creatura moça a quem o senhor terá que iniciar; alguém que talvez não o comprehenda muito bem quando o senhor falar, mas que o ha de achar estupendo, só porque o senhor é o senhor! Essa creatura é que ha de, algum dia, constituir todo o seu mundo!...

Sir Marcus Ordeyne encostou a cabeça delgada e rulta ao alto respaldo da sua cadeira e disse a rir:

— Judith, como a senhora está fina hoje! A sua cabeça não cessa de improvisar fantasias: e que horribes fantasias! Uma joven creatura! Uma especie que eu detesto!...

Mas Judith abanou a cabeça.

Nesse momento, attonita, a mente confusa e alvorçada, Carlota chegava á Inglaterra.

Na manhã seguinte, precisamente ás 10 e 30 da manhã, sir Marcus Ordeyne encontrou Carlota.

Estava sentada num banco de um parque, a olhar para um lado e para outro, com a expressão de uma pessoa inesperadamente posta em liberdade, de alguém, a quem, de repente, se deu ar, espaço e a luz do sol, mas não sabe o que de tudo isso ha de fazer.

Para falar-lhe mesmo com mais precisão, foi antes Carlota que encontrou sir Marcus Ordeyne, e não sir Marcus Ordeyne que encontrou Carlota. Verdade, verdade, elle já reparara nella. Fôra impossivel não reparar em Carlota, mas como succedia, essa manhã, elle trazer consigo algumas notas novas e muito interessantes, sobre a Renascença, sir Marcus teve in-

fallivelmente proseguido em seu caminho, se Carlota não se lhe houvesse dirigido. Deteve-o o inesperado acaso daquelle voz.

— Estou só, inteiramente só, neste prizer, e não sei o que hei de fazer!

Sir Marcus Ordeyne fitou-a longo tempo. Depois franziu, com severidade, a testa:

— A senhora não sabe que uma moça nunca se deve dirigir a um homem estranho?

Carlota sorriu. Que sorriso! Um sorriso que era toda a Primavera! E disse:



Havia de deixar essa rapariga.



Foi num harem.



Era um joven inglez...



Elevou-a a todo risco.



A tarde foi intolerável para todos.



...foi a entrada um tanto tempestuosa...



...que o aceitasse por noivo.



...a sra. Mainwaring veio visitar-me.



Mas Marcus deteve-a...

— Não sei; mas não me parece que o senhor seja assim tão estranho. Tenho visto homens muito mais estranhos do que o senhor!... Um deles queria até fazê-lo meu marido!...

E se fosse uma louca? Provavelmente era!... Mas, no interesse da Humanidade, sir Marcus Ordeyne enfiou as suas valiosas notas na algibeira do seu "ulster" e adheriu ao banco.

— Queriam, quem? Seus paes, com certeza? No interior, hein?...

— Não, não eram "bem" meus paes — explicou Carlota. — Hamdi Effendi era segundo marido de minha mãe. Foi num harem!...

— Num harem?!... Sir Marcus Ordeyne teve a impressão de que o sangue se lhe coilhava nas veias, de que as suas narinas se dilatavam. Sentia-se escandalizado, revoltado. Um harem!?

— A senhora é ingleza de nascimento? — perguntou.

Carlota fez que sim com a cabeça.

— Meu pae e minha mãe eram ingleses — proseguir. — Meu pae foi morto num massacre turco e Hamdi Effendi casou-se com minha mãe. Ella morreu pouco depois. Cresci no harem, e ultimamente elles quizeram á viva força casar-me. Ora, eu sei muito bem que me terei que casar com quem elles me disserem; mas, quando me foi mostrado o meu futuro marido... Pff!...

Carlota afastou as mãos de junto do corpo, arregalando os dedos, numa attitude de nojo.

— Era um sujeito gordo, gordo!... Ora, eu casaria fosse com quem fosse; menos com um sujeito gordo! Já, porventura se viu uma senhora distincta acceitar por marido um homem gordo?... Assim, pois, disse a Hamdi Effendi que me arranjasse um marido magro, do contrario eu fugiria. Hamdi respondeu que não via bem que differença fazia num marido ser gordo ou magro, ao que eu retorqui que afinal eu era ingleza, e que, como tal, fazia a mim differença. Magro o queria, e magro havia de ser! Cheguei mesmo a collocar a questão no terreno pessoal. Lembrei a Hamdi que a sua predilecta esposa não era gorda, ao que elle acquiesceu, retorquindo, porém, que anteriormente haviam figurado no seu calendario conjugal muitas damas adiposas. Acabou enfurecendo-se comigo, e eu fugi, tal qual como lhe promettera.

Deu um suspirozinho, fez um novo sorriso a sir Marcus Ordeyne e concluiu:

— E aqui estou!

— E veio só?

— Não; trouxe-me Harry Robinson, que foi morto a noite passada.

— Harry Robinson? Mas quem era esse Harry? E como é que o mataram?

E Carlota explicou o caso com uma logica que emprestou verosimilhança ao verdadeiro romance de folhetim que ella contou:

— Harry Robinson era um joven inglez, muito bondoso e sympathico — disse com um sorriso de tristeza — A's vezes elle escalava o muro do meu jardim para ir brincar de namorado commigo. Muito naturalmente contei-lhe que marido, entre tantos, Hamdi Effendi me tinha escolhido, e elle respondeu convidando-me a fugir com elle para a Inglaterra. Aceitei. Ao menos aquelle era magro!...

Sir Marcus surpreendeu-se a perguntar:

— E a senhora... a senhora estava apaixonada por... por esse Robinson?

Carlota fez uma sacudidella de hombros. — Era magro — repetiu, proseguindo nas suas reflexões. E, depois, observando

sir Marcus Ordeyne — mas magro tambem o senhor é, e afinal o que eu sentia por elle não era diverso daquillo que sinto pelo senhor!...

— E quando é que esse mancebo se separou da senhora? — proseguir Marcus.

— A noite passada. Elle saltou na estação mais proximo de sua casa, no intuito de ir dizer á sua familia o que proindia fazer de mim. Eu devia esperá-lo na estação durante tres horas, esta manhã. Assim fiz, mas elle não appareceu. Vim saber depois que o seu trem soffrera um terrivel abaloamento. Tinha havido seis mortes: elle fora uma das victimas!

— E não tem pena delle? Não está triste?

Os olhos de Carlota fizeram-se candidos, turbaram-se momentaneamente. A sua expressão, observou sir Marcus, era a mesma de uma criança subitamente privada de uma ama bondosa que lhe costumava dar doces:

— Sim... Tenho pena... Elle era bonzinho e... e não queria decerto morrer!...

Fez-se um pequeno silencio, após o qual sir Marcus perguntou:

— Não tem amigos na Inglaterra?

— Só o senhor — respondeu Carlota.

Depois, receiosa de o ter offendido, accrescentou: — Mas o senhor chega. Para meu amigo, um, é quanto basta...

Sir Marcus sentiu que no seu cerebro se formavam e dissolviam concepções e reconcepções de toda a especie. Um instante perpassou-lhe no espirito a imagem de Judith na sua sala, acolhedora, respeitavel, e affectuosa, mesmo. Mas, que podia elle fazer? Havia de deixar esta rapariga ingenua e inexperiente pelas ruas de Londres, sem vintem, sem chapéu, sem amigos, sem ninguem, facil presa do primeiro...

E sir Marcus Ordeyne levou para sua casa Carlota.

O facto foi muito mais surpreendente para Sir Marcus do que para ella. Carlota já se acostumara á idea de que o seu destino havia de ser governado pelos homens. Assim, nada de particularmente extraordinario havia para ella em que um homem a levasse para sua casa e a installasse num serralho particular, todo seu. Sem duvida, elle se faria seu marido, ou, quando assim não fosse, algum marido lhe arranjará. Confiava o bastante em sir Marcus para acreditar que, quando mesmo elle não a escolhesse para si, saberia encontrar-lhe um marido, magro assim como elle. Para Carlota, o homem não passava de uma especie denominada "marido". E nessa especie, segundo o seu espirito, não havia outra differença senão a de ser gordo ou magro.

Carlota encontrou muito do seu gosto a vida que lhe foi feita em casa de sir Marcus Ordeyne. A senhora Mc. Murray, pessoa de muita bondade que lhe deram por companheira, levou-a ás lojas e ali comprou Carlota roupas inglezas exquisitas, camisetas de xadrez, sweaters, toilettes de seda, proprios para jantar, modelos de linhas graves e direitas. Marcus acompanhara-a a não tornar a vestir o seu traje oriental, e logo ella o guardára obedientemente.

Carlota foi causa de uma grande modificação no espirito de sir Marcus. Em primeiro lugar ella lhe esclareceu o entendimento relativamente á amizade que elle dedicava á senhora Mainwaring, ou melhor, á amizade que a senhora Mainwaring lhe dedicava, a elle. O homem de estudo sempre considerara as suas relações com aquella senhora como fruto de um affecto tranquillo, interessante, mas platónico. Sentia-se á vontade quando conversa-

(Continúa no fim da revista)

ACIDADE DO SILENCIO



"THE CITY OF SILENT MEN"

Film Paramount — Produção de 1921

DISTRIBUIÇÃO

Jim Montgomery . . . THOMAS MEIGHAN.
Molly Bryant . . . LOIS WILSON.
Mrs. Montgomery . . . Kate Spurr.
O velho Sill . . . Paul Everton.
Mike Kearney . . . Geo. Mc. Guarric.
Mr. Bryant . . . Guy Oliver.

— Adeus, mãe! Voa para Nova York, em busca de fortuna, — disse Jim Montgomery, beijando aquella pobre mulher de feições tristes, que viera até a porta acompanhá-lo. — Quando eu conseguir vencer, voltarei então para te buscar, e os annos da tua velhice, tu os passarás na abundância e na fortuna.

E a pobre mãe poz-se a soluçar, beijando o rapaz, porque a assaltara o presentimento de que nunca mais o tornaria a ver.

Com o seu sacco de ferramentas na mão, o joven e sympathico mecanico tomou um trem, em que abalou para a grande cidade, com o espirito cheio de esperanças e ambições.

Achou uma hospedaria barata para seu alojamento, e logo empregou varios dias á procura de trabalho. — Mas, — coisa bem estranha — parecia que ninguem queria os seus serviços!

E um profundo desanimo se apossara delle ao setimo ou oitavo dia de procurar emprego, quando, sem haver collhido uma só esperança, regressava á sua pobre habitação.

Dois malfeteiros observaram-lhe o ar de forasteiro, e um delles levado provavelmente pela idéa de o utilizar para algum fim, dirigiu-lhe a palavra:

— Olá, companheiro! Parece que as coisas não te correm muito á feição...

Jim fixou-se na physionomia sorridente dos dois e cumprimentou-os. Bem precisado estava de que alguem lhe desse conforto!

— Estou na cidade ha uma semana, teinho batido por toda a parte e não ha meio de encontrar emprego! Não é que eu não seja um bom mecanico: é simplesmente falta de sorte!

— Em que ramo trabalhas? — perguntou o mais alto dos dois.

— Trabalho em ferro, quasi sempre — disse Jim.

— Esse sacco, são as tuas ferramentas?

— São sim, e não as ha melhores, em parte alguma.

Os dois homens olharam significativamente um para o outro.

— Entra aqui neste buraco! — disse o mais baixo, agarrando Jim pelo braço e puxando-o para a porta de um botequim.

— Um amigo nosso tem um trabalho para ser feito esta noite, e pagar-te-á um bom prego, se tu o fizeres.

— E que vem a ser? — disse Jim, sentando-se á mesa.

Um criado trouxe tres copos de whisky, mas o rapaz não encostou os labios ao seu.

Odiava a bebida, sob qualquer forma que fosse.

— O meu amigo é caixa de um banco, — disse o mais corpulento. — Succedeu-lhe fechar o cofre da pagadoria, e agora, como se esqueceu da combinação e perdeu o papel em que a tinha escripta, não o pôde abrir. Precisa para esta noite de alguns papéis que lá estão, pois, se os não obtiver esta noite mesmo, isso custará a vida a um pobre diabo, amigo delle!

— O caso é bem sério! — commentou Jim com gravidade.

— Para você comprehender quanto elle é sério, bastará que lhe diga que o meu amigo está prompto a pagar até cem dollares pelo trabalho. Serve-lhe?

— Decerto. Estou prompto a fazer o que for preciso — disse Jim, pressuroso, apertando a mão ao outro, de quem recebeu um pedaço de papel.

Jim deixou-os satisfeitos, por ter finalmente encontrado alguma coisa para fazer.

Pontualmente, ás dez da noite, achava-se, com o seu sacco de ferramentas, no ponto marcado para o encontro. De um gradil viu sahirem os dois homens.

— Passa-me as ferramentas, — disse o mais baixo, pegando no sacco de Jim. — Quero mostrá-las ao chefe, para ver se servem.

— Eu vou comsigo, — disse Jim, dispondo-se a segui-los; mas o homem mais alto empurrou-o com força para traz e disse-lhe:

— Espere aqui por nós!

Jim não podia fazer outra coisa senão obedecer, e durante meia hora ficou á espera, andando de um para outro lado, em frente ao gradil. Ao cabo desse tempo, os dois homens sahiram a correr, e deixaram cahir junto delle o sacco das ferramentas. Sem que pronunciassem palavra, continuaram correndo sempre, até que por fim se perderam na nevoa da noite.

— E' extranho! — murmurou Jim, apanhando as ferramentas. Ia partir, mas mudou de idéa e voltou ao gradil, a ver se descobria a razão de tanto correrem os dois homens. Nesse momento appareceram dois policiaes que o seguraram.

— Está aqui o melro! — exclamou um delles.

— Que é que houve? — indagou Jim, alarmado.

— Cala a bocca e entra connosco!

Levaram-n'o por uma viella até á porta dos fundos do banco, que tinha sido arrombada. Sobre o soalho, perto do "guichet" da caixa, onde havia o cofre maior, jazia morto um vigia. Uma das chaves inglezas de Jim, com que elle fôra morto, estava a seu lado.

Um dos policiaes apanhou-a do chão.

— E' tua, hein? — perguntou.

— Decerto que é! — declarou Jim.

— Vês o sangue sobre o ferro? Pois desta foi que tu te serviste para matar o vigia quando elle te surpreendeu roubando o banco!

— Eu! Não, eu não fiz isso! Eu não estive aqui dentro! — declarou Jim.

— Emprestei as minhas ferramentas a dois amigos meus, que sahiram depois correndo e desapareceram.

— Bem arranjado, não ha duvida! — fez o policial. — Mas essa historia, tu terás que a contar ao commissariado, e

não te ha de ser facil escapar duma accusação de assassinato!

Jim sentiu-se atordoado. Com grande horror seu, viu-se preso no mesmo dia. Depois, foram semanas sombrias, passadas



Ao partir para a cidade.



Preso innocente.



Na prisão de Singh-Singh.



Reconhecendo o evadido.

na cadeia. Mais tarde, sua mãe veio a ter notícia do ocorrido, e foi procurar o detective Mike Kearney, a quem o caso estava affecto. Por fim chegou o dia do processo e, como todas as provas se voltassem contra elle, Montgomery foi condemnado e enviado para Singh-Singh, por toda a vida.

Sua mãe quasi succumbiu á violencia do choque.

Jim recebera o numero B. 60.103, e depois que lhe vestiram o uniforme dos sentenciados deram-lhe por companheiro de cubiculo um velho ladrão, empedernido no officio, pelo nome de Bill Hawking. Esse



O forçado evadido.



No dia do casamento.



O "detective" e o ex-forçado.



A salvação da operaria.

homem era uma verdadeira fera, e consi-deravam-n'o o interno mais refractario do departamento de alfaiataria. Entretanto, pareceu ligar-se por uma sincera amizade a Jim, e tudo fazia para consolal-o.

— Eu acredito que você esteja realmente innocente desse crime — disse a Montgomery. — Eu conheço Harry Hossler, Commigo o caso é outro: estou aqui, por toda a vida, de maneira que tanto faz!

Vestiu o casaco e metton as calças por debaixo da sua blusa do uniforme. Um instante depois os presos tiveram ordem de passar ao corredor, e a roupa foi encontrada em poder de Bill.

— Deixa estar que has de pagar isto! — disse o guardião.

— É a mim, que bem me importa! — retorquiu Bill, já em caminho para o gabinete do director.

Jim sentiu-se profundamente reconhecido ao velho sentenciado pelo seu sacrificio. O seu acto revelava nelle uma nobreza de caracter de que jámais ninguém consideraria capaz.

— Nunca me hei de esquecer do que fizeste por mim, Bill — disse enternecidamente, quando o velho voltou. — Algum dia te hei de retribuir tudo isto!

— Cala a bocca! Não fallemos nisso — resmungou Bill.

Foi pouco depois deste incidente que o bom caracter de Jim lhe grançou uma merecida recompensa. Estava elle na officina, quando o chamaram ao gabinete do director, e ali lhe foi communicado que lhe ia ser dada agora a categoria de capaz, o que lhe conferia privilegios de que não gozavam os demais detentos. Hawkins, ao saber da noticia, ficou muito entusiasmado e disse para o seu amigo:

— Agora, sim, chegou a occasião de poderes fugir daqui!

— Como? — perguntou Jim, ansioso.

— Não vês que estão retirando dali algumas machinas velhas e substituindo-as por outras novas? Um dos caixões será preparado de modo tal que haja espaço bastante para tu te metteres lá dentro. Eu e os meus amigos nos encarregaremos disso...

— Mas, como has de tu fallar com elles?

— Sempre que bem nos apraz, falamos pelo alfabeto dos surdos-mudos. Tu, logo que o ultimo caixão esteja prompto a sair, mettes-te dentro d'elle. Eu me encarrego dos detalhes e te conservarei informado. Quero que vás ver a tua mãe, e has de vel-a, custe o que custar.

Jim presenciou o desarmar dos velhos machinismos e observou de que modo os encaixotavam. Elle proprio superintendeu o trabalho sob os olhos de um guarda, até só haver mais tres caixas a retirar.

Quando ficou arrumado o ultimo carroto, elle disse ao guarda que dispensasse todos os que haviam ajudado até então, e os dois carroceiros concluiriam o trabalho. A segunda caixa, ao sair, ficou engasgada na porta e o guarda afastou-se um momento para ver que os carroceiros a acondicionassem melhor sobre o vehiculo.

Rapido como um relampago, Jim a'riu o lado do ultimo caixão, que estava solto, es-queiron-se para dentro, e tornou a pôr o lado do caixão no seu lugar. Instantes depois os carroceiros moveram o caixão sobre rolos de madeira, e ao collocarem o volume sobre a carroça arrumaram para a trazeira do vehiculo o lado que Jim occupou. A carroça atravessou em seguida o pateo da prisão.

Jim transpoz no caixão o portão do presídio, e quando a carroça atravessava um bosque deixou-se cahir para o chão, e des-

— Foi verificada a desaparição de uma tesoura da alfaiataria, — ouviram de um dos guardas. — Vamos passar revista em todos os cubiculos.

Inspeção! — segredou o velho Hawkins, contrariado.

— E com certeza descobrirão a roupa!

— disse Jim. — Que havemos de fazer?

— Olha! Dá-m'a para cá! — fez Bill, arrancando-lh'a das mãos. — Se a descobrirem contigo, serás vigiado constantemente, e nunca mais poderás sair daqui.

Commigo o caso é outro: estou aqui, por toda a vida, de maneira que tanto faz!

Vestiu o casaco e metton as calças por debaixo da sua blusa do uniforme. Um instante depois os presos tiveram ordem de passar ao corredor, e a roupa foi encontrada em poder de Bill.

— Deixa estar que has de pagar isto! — disse o guardião.

— É a mim, que bem me importa! — retorquiu Bill, já em caminho para o gabinete do director.

Jim sentiu-se profundamente reconhecido ao velho sentenciado pelo seu sacrificio. O seu acto revelava nelle uma nobreza de caracter de que jámais ninguém consideraria capaz.

— Nunca me hei de esquecer do que fizeste por mim, Bill — disse enternecidamente, quando o velho voltou. — Algum dia te hei de retribuir tudo isto!

— Cala a bocca! Não fallemos nisso — resmungou Bill.

Foi pouco depois deste incidente que o bom caracter de Jim lhe grançou uma merecida recompensa. Estava elle na officina, quando o chamaram ao gabinete do director, e ali lhe foi communicado que lhe ia ser dada agora a categoria de capaz, o que lhe conferia privilegios de que não gozavam os demais detentos. Hawkins, ao saber da noticia, ficou muito entusiasmado e disse para o seu amigo:

— Agora, sim, chegou a occasião de poderes fugir daqui!

— Como? — perguntou Jim, ansioso.

— Não vês que estão retirando dali algumas machinas velhas e substituindo-as por outras novas? Um dos caixões será preparado de modo tal que haja espaço bastante para tu te metteres lá dentro. Eu e os meus amigos nos encarregaremos disso...

— Mas, como has de tu fallar com elles?

— Sempre que bem nos apraz, falamos pelo alfabeto dos surdos-mudos. Tu, logo que o ultimo caixão esteja prompto a sair, mettes-te dentro d'elle. Eu me encarrego dos detalhes e te conservarei informado. Quero que vás ver a tua mãe, e has de vel-a, custe o que custar.

Jim presenciou o desarmar dos velhos machinismos e observou de que modo os encaixotavam. Elle proprio superintendeu o trabalho sob os olhos de um guarda, até só haver mais tres caixas a retirar.

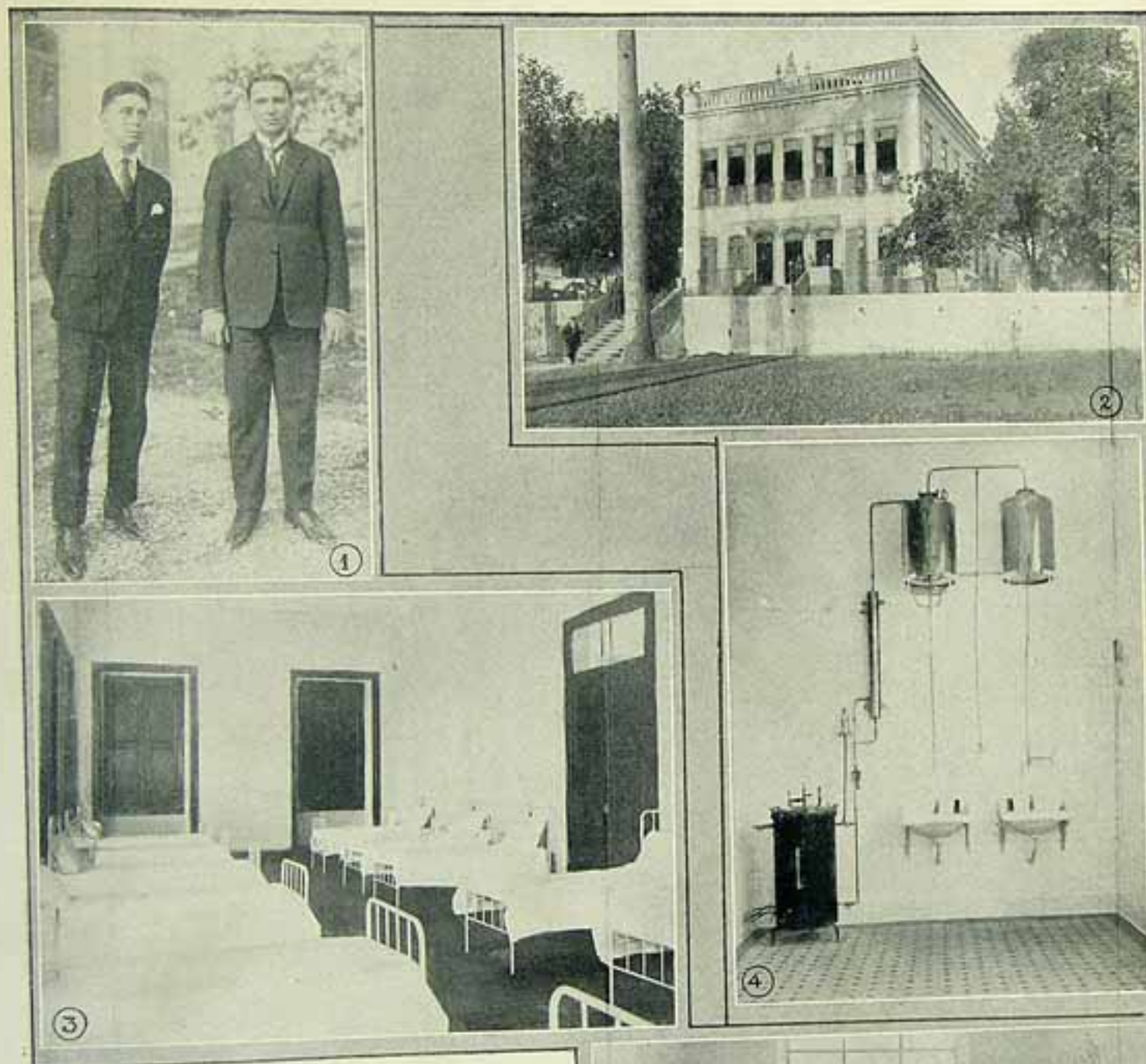
Quando ficou arrumado o ultimo carroto, elle disse ao guarda que dispensasse todos os que haviam ajudado até então, e os dois carroceiros concluiriam o trabalho. A segunda caixa, ao sair, ficou engasgada na porta e o guarda afastou-se um momento para ver que os carroceiros a acondicionassem melhor sobre o vehiculo.

Rapido como um relampago, Jim a'riu o lado do ultimo caixão, que estava solto, es-queiron-se para dentro, e tornou a pôr o lado do caixão no seu lugar. Instantes depois os carroceiros moveram o caixão sobre rolos de madeira, e ao collocarem o volume sobre a carroça arrumaram para a trazeira do vehiculo o lado que Jim occupou. A carroça atravessou em seguida o pateo da prisão.

Jim transpoz no caixão o portão do presídio, e quando a carroça atravessava um bosque deixou-se cahir para o chão, e des-

— Foi verificada a desaparição de uma tesoura da alfaiataria, — ouviram de um dos guardas. — Vamos passar revista em todos os cubiculos.

Casa de Saude e Maternidade Dr. Affonso Dias

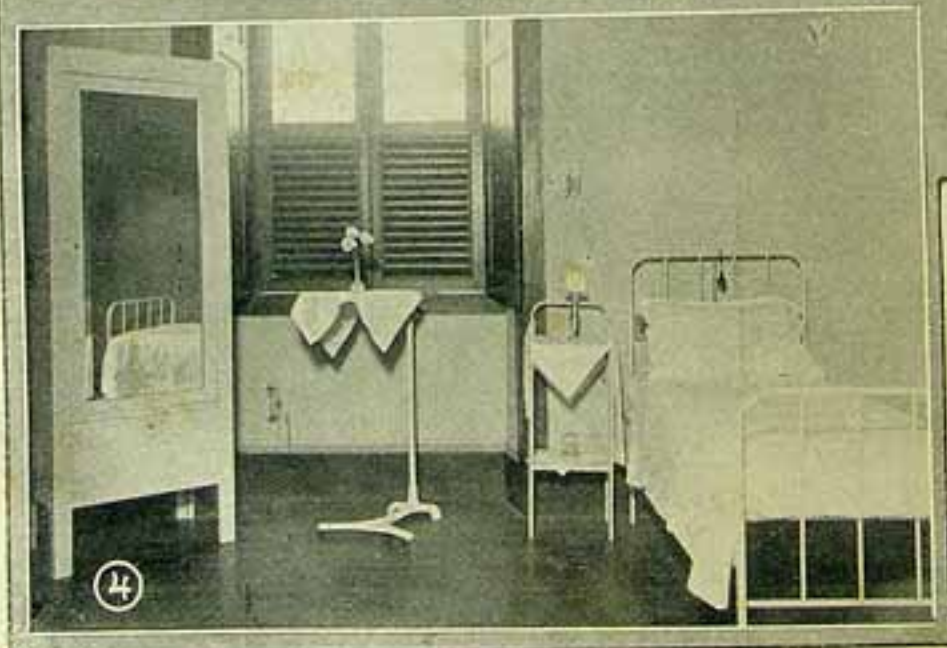
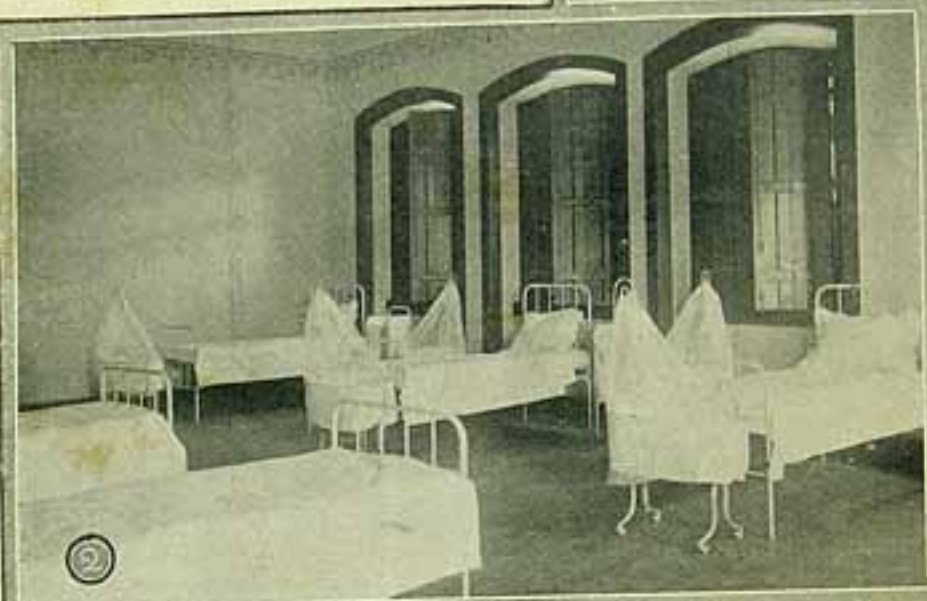


1) Drs. Affonso Dias e Carlos de Sequeira, medicos do grande estabelecimento. — 2) Fachada principal da Casa de Saude Dr. Affonso Dias, à rua Aristides Lobo. — 3) Enfermaria de senhoras. — 4) Sala de esterilizações. 5) Sala de operações.

Foi inaugurada a 11 do corrente, nesta capital, com a presença de representantes da imprensa, medicos e pessoas gradas da nossa sociedade, a Casa de Saude e Maternidade Dr. Affonso Dias, estabelecimento modelar no genero, que está sob a exclusiva direcção do illustre facultativo Dr. Affonso Dias. A solemuidade da inauguração teve ainda



a presença do vigário do Engenho Velho, Rev. Augusto Ferreira dos Santos e o Superior do Convento dos Capuchinhos, que deram a benção ao estabelecimento. Situada num dos pontos mais pittorescos da Capital, suas instalações amplas e confortáveis tornam a Casa de Saude e Maternidade Dr. Affonso Dias modelar entre as nossas congêneres.



1) Convidados presentes à inauguração da Casa de Saude Dr. Affonso Dias. — 2) Sala de maternidade. — 3) Outro aspecto exterior da Casa de Saude Dr. Affonso Dias. — 4) Um quarto particular.

A CIDADE DO SILENCIO

(FIM)

atou a fugir. No depósito, o carroceiro descobriu o caixão aberto e imediatamente telephonou para Singli-Singli. Uma rápida busca denunciou a desapareição de Jim, e logo o apito do presidio se pôz a tocar, avisando a vizinhança de que fugira um sentenciado.

Jim ouviu o silvo estridente, quando ia a penetrar no bosque. Certo de que o perseguiriam, continuou correndo, e só se deteve quando alcançou o rio. Resoluto, atirou-se á agua, atravessando-o a nado, e pôz-se a caminho da sua velha casa.

O dia vinha, porém, rompendo, quando elle avistou a casinha em que nascera, e assim, por mais ansioso que estivesse de apertar sua mãe nos braços, Jim viu-se obrigado a esconder-se no matto até cair a noite.

Depois viu que um enterro sahia de sua casa.

— Mãe! — disse num gemido, e as lagrimas lhe banharam o rosto.

Debatia-se numa agonia terrível. Agora, pouco se lhe dava qual tivesse de ser a sua sorte! Quando, porém, cahiu a noite, renasceram as suas esperanças.

— Eu estou soffrendo um castigo que não merecia, — reflectia de si para si. — Assim, por que razão hei de voltar? Irei á casa, apanharei alguma roupa e fugirei desta região!

A noticia da sua fuga foi communicada para a chefatura de policia na cidade, e Mike Kearney immediatamente foi chamado á presença do inspector.

— Tens que ir prender Montgomery — disse-lhe o chefe.

— Quem eu procuro nunca me escapa! — disse Mike, sorrindo.

Poz o chapéo, metteu uma meia dúzia de homens no automovel e partiu com destino á casa de Jim, pois bem calculava que o fugitivo para lá correria, a visitar sua mãe. Assim, era certo apanhá-lo ali!

Quando porém, Kearney e os seus homens assomaram á porta de entrada da habitação, Jim fugiu pela porta de traz com uma muda de roupa e, correndo á escuridão, ficou-se, sem que ninguém o visse, para cima de um trem que nesse momento partia para Oeste.

Kearney ficou furioso ao reconhecer que Jim o deixara a ver navios, e immediatamente se dirigiu a Singli-Singli, a conferenciar com o director do presidio.

— O companheiro de cubiculo d'elle, diz o senhor, era aquella peste de Bill Hawkins, não é verdade? — perguntou Kearney.

— Era, sim, e não me surpreenderia que andasse de cá d'elle em tudo isto! — respondeu tristemente o director.

— Mande-o chamar, que eu me encarrego de o fazer fallar!

Uma ordenança introduziu no gabinete Hawkins, que entrou com um olhar fugidio no chão inclinado para baixo. Instintivamente, elle adivinhára para que fim tinha sido chamado.

— Quero que me digas para onde foi Montgomery! — disse Kearney com ar imperativo.

Hawkins lançou-lhe um rápido olhar de rancor, mas logo se pôz a rir:

— Não quer mais nada? — resumiu-lhe — Pois fique sabendo que não sei!

O investigador atilado logo comprehendeu que era inutil tentar arrancar qualquer informação áquelle individuo endurecido no crime, e desatou a sua raiva numa torrente de improperios. Mas Bill não fraquejou, respondeu, ao contrario, com a firmeza com que fallaria um homem livre; e

assim, o director, para evitar maiores des- ceder ao amor que cada dia o dominava, aires do detective, mandou recolher Bill ao seu cubiculo.

Entretanto, esse fracasso só fez com que Kearney mais se firmasse na resolução de recapturar Montgomery, e immediatamente se lançou em todas as pistas, com esse fim. Mas de nada lhe valeu, pois que informação alguma conseguiu sobre o paradeiro do evadido.

Entretanto Jim tinha viajado para a California, e na pequena villa de El Rodas, sob o nome de John Nelson, conseguira emprego numa fabrica de fição. Ahí, elle se tornou tão prestimoso que o sr. Bryant, presidente da companhia, rapidamente o promoveu ao cargo de superintendente. No seu novo emprego, fez o possível para esquecer o terrível passado, mas a lembrança do seu infortunio o perseguia noite e dia, como um pesadello, até elle conhecer Molly, a filha do presidente.

Foi um caso de amor á primeira vista. Mas, justamente quando elle se sentiu tentado a confessar á filha de Bryant o seu affecto, a horrenda recordação de que elle era um forçado evadido impunha-se-lhe ao espirito, constringendo-o. O caso veio a ter desenlace muito pié-nic, offerecido ás crianças da villa, e a que Jim e Molly presidiram. Os dois procuravam isolár-se junto de uma arvore cahida, e depois que trocaram algumas palavras de affecto Jim sentiu-se impellido a declarar-lhe o seu amor. Deteve-o o recio de sempre, mas Molly não se deixou intimidar:

— Amo-o, Jim — disse com coragem — mas seria horrível para mim se o meu affecto não fosse retribuido!

Elle mal tinha coragem de enfrentar aquelle olhar triste e mysterioso. Tomou-a nos braços, beijou-a repetidamente, e confessou:

— Amo-te, sim, mas...

— Mas o que?... — perguntou.

— Ha um obstaculo. Mais tarde te explicarei.

Subiram a montanha até á estrada, pararam junto de uma arvore, e o olhar de Jim foi então atrahido pela figura de um sentenciado que, esgueirando-se por entre o matto e as arvores, vinha correndo ao seu encontro:

— Estão atrás de mim! — suspirou o desgraçado.

— Pois então foge, corre, corre sempre! — gritou Jim, com impeto. — Enquanto fores livre, podes ter esperança ainda!

O fugitivo cobrou novo animo e de novo desatou a fugir.

— Mas, Jim!... — fez Molly reprobativamente.

— Eu sou igual áquelle homem! Sou um forçado evadido! — exclamou.

— Não é verdade! Não é verdade! Tu não serias capaz de commetter um crime! És por demais honesto, por demais bondoso e nobre!

— Tomo a Deus por testemunha de que eu estava innocente, mas nem assim me pouparam! — Contou depois toda a sua desgraçada historia e terminou dizendo: — Agora comprehenderás porque tenho hesitado em pedir-te que tejas minha esposa. Uma vez que ainda pesa sobre o meu nome esta terrível mácula... Não quero cobrir o teu nome de vergonha!

— Creio em ti! — exclamou Molly — Amo-te! Esquece o passado. Casar-nos-emos e tu serás feliz, a despeito de todo o teu passado infortunio. Nunca renunciarei a ti, e tenho a certeza de que a tua innocencia algum dia será comprovada!

Muito tarde elle considerou que, havendo passado annos sobre a sua evasão de Singli-Singli, o seu caso decerto estava esquecido das autoridades, e assim elle podia agora

ceder ao amor que cada dia o dominava, aires do detective, mandou recolher Bill ao seu cubiculo.

Ficaram então, noivos e marcaram o dia para o casamento. Precisamente nessa epocha, Mike Kearney, o detective de Nova York, pensou de novo no caso que lhe estava affecto e em que haviam fracassado todos os seus melhores esforços. Resolveu, então, reatar as suas diligencias, e conceitou um novo plano capaz de colher resultado. Obteve que o velho Bill Hawkins fosse solto sob palavra, pois estava firmemente convencido de que o velho detento sabia onde estava Jim e ali correria, mal se visse solto.

Um dos homens seguiu a pista de Bill até um antro dos lairos excusos de Nova York; mas a velha raposa bem sabia que lhe estavam no encalço. Bill atrahiu então a attenção de um antigo camarada e, por meio do alphabeto dos surdos-mudos, communicou-lhe que um agente o estava perseguindo, e pediu-lhe que o ajudasse a livrar-se do seu perseguidor. O outro assassino entrou na sala proxima e escondeu-se atrás da porta que dava para uma entrada lateral. Hawkins então levantou-se, passou á outra sala e dirigiu-se para essa porta. Quando o detective se preparou para o seguir, o criminoso sahio de detrás da porta e com a coronha da pistola desfecho-lhe á cabeça tamanho golpe que o prostrou inanimado no chão.

Bill aproveitou essa occasião para fugir. Seguiu depois para o Oeste, e havendo descoberto a casa de Jim numa noite de chuva, ali penetrou por uma janella, por pouco escapando de ser alvejado como um gatinho.

O encontro de Jim com o seu velho benefactor foi commovente; mas, quando Hawkins referiu que Kearney retomára o caso em mão, fizeram-se graves os olhos de Montgomery.

Pegou então num maço de notas, meteu-as na mão do criminoso e disse-lhe:

— Descobre Harry Hossler, apresento-o á justiça e liberto-me do crime por que fui condemnado, e eu tomarei conta de ti, por todo o resto dos seus dias, Bill. Estou para me casar com uma adorável rapariga, e aqui ganhei o respeito de todos. Não posso continuar a viver sob uma suspeita!

— Deixa o caso commigo: eu me encarrego de descobrir Hossler! — respondeu Bill.

Partiu no dia seguinte, e os dias foram correndo até que se approximou a data marcada por Jim para o seu casamento. Mandára o mancebo collocar uma magnifica lápide sobre o tumulo de sua mãe, e desse facto veio a ter noticia Kearney, que logo se dirigiu ao cemiterio e, uma vez descoberto o encarregado da obra, interrogou-o nos termos seguintes:

— Quem lhe pagou o assentamento daquelle lápide no tumulo de Marthe Montgomery?

— Um individuo por nome John Nelson que mora em El Rodas, California — foi a resposta que Kearney anotou cuidadosamente no seu cahinho de notas.

Partiu então para o Oeste, com a certeza de que só o filho da Sra. Montgomery poderia ter prestado á morta um tão esplendido tributo.

Quando elle chegou á fabrica, Jim acabava de chegar da igreja onde recebera Molly por esposa. Todos os operarios estavam reunidos fóra do edificio e láhi ouviram o discurso que lhes fez Montgomery.

Um sorriso cynico assomou ao rosto de Kearney, quando pôde ver bem John Nelson e verificou que elle era o desaparecido Montgomery.

O Sr. Bryant levou Jim e sua mãe a

escriptorio da gerencia. A secretaria de Jim estava toda enfeitada de grinaldas de flores, entre as quaes passava uma larga fita com a inscripção: "Vice-presidente".

— Que é isto? — perguntou Jim surprehendido.

— É o meu presente de casamento, meu rapaz — disse a sorrir o bondoso presidente. — Foste eleito pelas accionistas vice-presidente desta companhia.

Inundou-se de contentamento o coração de Jim, e ao seu braço achegou-se mais a formosa noiva, sorrindo de prazer.

Neste momento entrou um empregado, que entregou a Jim um cartão.

— Um senhor que está no escriptorio externo deseja-lhe falar, — disse.

Jim por pouco não tombou desmaiado, quando leu no cartão o nome de Kearney; mas conseguiu dominar-se, graças a um esforço sobrehumano.

— Negocio importante, — disse para os demais. — Queiram passar ao escriptorio contiguo até que eu me tenha entendido com este homem.

Deixaram-no a sós, e logo Jim ordenou ao empregado que trouxera o cartão:

— Mande entrar esse senhor.

O detective appareceu á entrada.

— Alló, Jim! — disse familiarmente.

— O senhor está equivocado: o meu nome é John, — disse Jim tranquillamente.

— Vamos! Chega de fitas! Tu és Jim Montgomery.

— Repito-lhe que está equivocado!

— E' possível, — disse Kearney, tirando do bolso um retrato de Jim do cadastro da policia e comparando-o com o original.

— Que deseja o senhor de mim? — perguntou Jim.

— Apenas comparar estas impressões digitais com a sua mão! — disse, procurando segurar a mão do outro.

Jim sentiu que o percorria um arrepio de terror. Elle sabia que essa prova era infallível e recuou alarmado. Se o detective conseguisse apossar-se das suas impressões digitais, de novo teria que voltar para Singh-Singh.

Nesse momento, um grito estridente varrou a porta aberta que dava para a fabrica, e Jim avistou uma rapariga que, colhida por uma das machinas, ia sendo arrastada para os rolos compressores.

Esqueceu-se então do seu proprio perigo, e correu a arrancar a operaria á arriscada situação em que ella estava. Depois poz-se a olhar para os seus proprios dedos.

— Se Kearney obtiver as minhas impressões digitais, não lhe poderei escapar, sempre. Mas, ainda desta vez, não será elle que ganhará a partida!

Inclinou-se para a frente e enfiou as mãos por entre os dois rolos poderosos. Num minuto, as extremidades dos seus dedos estavam esmagalhadas, esphaceladas. Alarmaram-se, aos gritos, homens e mulheres. Kearney presenciara tudo, e logo correu a emburhar as mãos sangrentas de Jim num pouco de estopa. A esse tempo, Molly acudia, tomada de horror!

— Que barbaridade! — fez Kearney.

— Então, eu não lhe disse que não sou Jim Montgomery, — murmurou debilmente o infeliz.

Soffria dores horribéis nessa hora; mas ao mesmo tempo, uma alegria infinita lhe surgia no coração, á idéa de que agora não havia mais possibilidade de lhe serem tomadas as impressões digitais.

Molly chorava, a perguntar como occorrera aquella tremenda desgraça.

Kearney caminhou para a porta, pasmo e silencioso ante a sublime coragem de Jim. Depois, voltou e disse:

— Vou fazer uma coisa que nunca fiz.

Jim, em toda a minha vida: — dar-me por vencido!

Um instante depois tinha partido.

Quando o detective chegou a Nova York e visitou o inspector, mostrou-lhe este um telegramma em que se lhe annunciava que o velho Bill Hawkins tinha descoberto o perverso Harry Hovsler, levava-o á cadeia da cidade mais proxima, e arrancara-lhe a confissão de terem sido, elle e um complice, os assassinos do vigia do banco.

— Santo Deus! que injustiça temos feito a um homem innocente! — disse o inspector perzoso.

— Poderemos, no entanto, fazer-lhe certas reparações — murmurou Kearney.

— Estou bem satisfeito de ver illibado do crime o nome de Montgomery, pois nunca encontrei, em minha vida, mais bello exemplar de homem! Parto agora mesmo para Albany a obter o seu perdão!

Jim recebeu o perdão e, com elle, a folha das suas impressões digitais, bem como o seu retrato, que figurava na galeria policial.

— Deus seja louvado! Estou por fim livre de mácula!

— Mas nunca te poderá ser reparado o mal que te foi feito, — disse Molly.

— Nunca te poderão restituir as tuas mãos esphaceladas, nem compensar-te dos longos e terríveis annos passados na triste cidade dos homens silenciosos!

— Errar é humano, perdoar é divino!

— respondeu Jim com brandura, atirando ao fogo os documentos que lhe enviara a policia.

Os dois assistiram á destruição dos papeis pelo fogo. Finalmente, quando delles desapareceu o ultimo vestigio, Jim tomou nos braços sua esposa e imprimiu-lhe nos labios um longo beijo.

— Que aquellas cinzas sepultem o passado! — disse em voz baixa. — Affrontei sereno as torturas cruetis que me infligiram porque estava innocente de todo o mal! Deus, na sua infinita misericordia, rectificou e purificou a minha alma, e agora abre-se-nos uma perspectiva de paz, porque o nosso futuro está juncado das rosas da felicidade e da alegria!

AVENTURA DE UMA ORPHA

(FIM)

tancia do lugar onde essas pessoas conversavam, percebeu o seu nome mais de uma vez pronunciado. Mary sabia que era muito feio escutar ás portas, mas sabia tambem que aquellas pessoas falavam de cousas da sua vida, que jámais lhe fóra possível esclarecer e resolveu, portanto, pôr-se á escuta, quaesquer que fossem as consequências.

E, no espaço de tempo que ella ali esteve a ouvir o que diziam aquellas senhoras, transformou-se todo o seu mundo. E a transformação veio de que Mary, de simples Mary Cary, "filha de ninguém", conforme, annos atraz, lhe chamara uma pessoa extremamente perversa, viu-se elevada a Mary Cary, sim, mas neta do Major Alden, cujo nome era venerado em todo o Estado, filha de um actor inglez, cujo pae fóra par do Reino.

— A mãe della foi a unica filha que o Major Alden teve — dizia a voz feminina, — e quando ella se casou, contra a vontade paterna, com um actor, o desgosto que isso causou ao Major quasi o levou á sepultura.

— Não vejo por que elle tanto se melindrassse, — disse outra voz — uma vez que o marido da filha era filho de um lord!

— Morreu sem lhe perdoar — proseguiu

a primeira voz — e pouco depois morreram ella e o marido. Mary Cary era um bebêzinho quando foi recolhida ao orphanato.

— E a menina não tem parente algum vivo? — perguntou uma terceira.

— Tem sim! O Dr. Alden, que daqui partiu de um dia para o outro — não se lembra? — e partiu para Detroit. E' irmão da mãe della!

— Ah, já sei! E' aquelle medico que tinha ajustado casamento com Katherine Trent! Por signal que todos nós achamos bem estranho que elle tivesse fugido daqui, de um dia para o outro!

Mary Cary nada mais quiz ouvir, pois já ouvira o quanto precisava.

O tumultuoso pulsar do seu coração sufocava todos os outros sons. Mecanicamente fez o seu recado e regressou a casa. Não caminhou porque se sentia por demais feliz para caminhar. Abriu as azas dos seus sonhos, agora convertidos em realidade, e como se pairasse ao ar atravessou a varanda, transpoz o portão em direcção ao terreno onde conhecera Johnny Maxwell. Ali se deteve o tempo preciso para que elle chegasse, e ruflando então as azas, ajustando os seus passos ao delle, disse-lhe, caminho de casa, tudo quanto sobre si mesma acabara de saber.

Não era porém essa a sua maior felicidade, pois que a mesmo tempo descobrira quem era o Principe Encantador da sua querida Miss Trent.

— E' preciso que elle volte, — disse a Johnny. — Mas, se eu disser a Katherine, é possível que ella não permita ao Dr. Alden voltar!...

— Pois então, não lhe digas! — aconselhou Johnny. — Escreve-lhe uma carta: pois não é elle teu tio? Assim, nada ha de improprio em que lhe escrevas. Diz-lhe de que modo o descobriste e que precisas de lhe falar. Nada lhe contes sobre Katherine, pois se o fizeres, talvez elle não queira vir...

— Mas eu não sei para onde endereçar a carta!

— Para Detroit, tolinha! A rua pouco importa! Escreve a carta e traze-m'a: eu me encarrego de descobrir o endereço! — E depois de reflectir um momento insistiu. — Mas eu, se fosse tu, nada diria a Miss Trent!

Nem mesmo a meu respeito? E de que modo deixar de lhe dizer o que os meus olhos, o meu riso, tudo, tudo em mim lhe revelará?

— Mas não deve revelar! Suppõe que lhe dizias uma parte, e ella, porque adivinhasse o restante, fugisse daqui ou fizesse qualquer outra coisa igual... Quando elle chegasse, não a encontraria!...

Via-se bem que Johnny se estava rapidamente fazendo homem...

— Seria terrível, com effeito! Está bem: prometto não dizer palavra!

E Mary guardou effectivamente o seu segredo, não sem que, varias vezes, Katherine Trent se interrogasse a si mesma sobre o motivo daquella luz mysteriosa que parecia irradiar de toda e'a.

No curto espaço de tempo preciso para que uma carta vá a Detroit e para que um homem de rapidas resoluções alcance Yorkbury, o Dr. Alden estava no orphanato a perguntar por Mary Cary. E se alguma duvida lhe restava ainda sobre se era filha de sua fallecida irmã a rapariga que lhe escrevera, essa duvida dissipou-se quando elle a viu: o espirito de Mary Alden Cary revivia inteiramente em sua filha!

— Que idéa farás tu de mim, Mary, de mim que jámais te encontrei? — perguntou, quando a pequena acabou de lhe contar a historia da sua vida e da conversa-

ção que lhe revelara o segredo da sua paternidade.

— Muitas vezes pensei nisso — confessou Mary — mas conclui que o senhor não sabia onde me devia procurar.

— Eu não sabia que minha irmã deixara na terra uma criança do seu sangue. Quando meu pai se recusou a perdôar-lhe declarou-me ao mesmo tempo que me desherdaria se eu tornasse já mais a procurá-la. Eu era então moço demais para me preocupar de semelhante cousa. Mais tarde, soube que ella tinha morrido, mas nada sabia a teu respeito.

— Estou pois, certa, agora, de que o senhor é um Príncipe Encantador.

— Que queres dizer, menina?

— Espere um pouco: é um segredo. Sente-se aqui por alguns momentos e então comprehendê-la.

Com essas palavras desapareceu e, voltou, momentos depois, com Katherine Trent, que vinha falar "a uma senhora que a procurava".

Dessa longa conversa resultou que o Dr. Alden foi restabelecido como um authentic Príncipe Encantador, que Mary Alden foi investida d'uma collecção de roupas e artigos de vestuário, como já mais sonhara, e ficou combinado que Katherine Trent levaria consigo Mary, quando se retirasse do orphanato.

Quando Mary se enfiou pela primeira vez nas suas roupas novas e se submetteu á admoestação das suas menos afortunadas companheiras, não houve vislumbre de inveja nem de ciúmes nos "ahs!" e "ohs!" que as outras meninas deixaram escapar.

— Estás linda como uma Princeza! — disse Pinkie com a voz inflammada de orgulho.

— E isto, na saia, é renda verdadeira, hein? — fez uma outra.

— Sapatos brancos e meias brancas... Que belleza! — commentou uma terceira. Uma pequena nuvem empanava a felicidade de Mary Cary: era a idéa de partir do orphanato, deixando ali a boa Pinkie.

— Se me levas, a mim, tens que levar também Mary Cary! — dissera ao Dr. Alden a meiga Katherine Trent — Quer-to-lhe bem demais para a deixar aqui!

— Pois sim: os dois a indemnizaremos de tudo quanto, por culpa da minha ignorancia, ella tem perdido até hoje!

A medida que se foi approximando a hora de partir do orphanato, foi se tornando tão grande a nuvem que opprimia o coração de Mary Cary que por pouco lhe tapava a luz do sol. Encontrara Pinkie a chorar num canto, e estava resolvida a fazer fosse o que fosse em seu favor.

Dirigiu-se a Katherine Trent e lançando-lhe os braços ao pescoço:

— Katherine: a senhora é o mais meigo e o mais querido de todos os anjos do mundo! Titio é o melhor, o mais sincero, o mais generoso de todos os tios que uma menina pode imaginar! Eu sou, por elle e pela senhora, a moça mais feliz que pisa a terra; mas supplico-lhe, Miss Katherine — supplico-lhe, tia Katherine — deixe-me pedir-lhe uma cousa mais, sim?

— Pois sim, pede, Mary Cary: o que é?

— A senhora consente em que Pinkie vá connigo?

E Miss Trent, com tal consentimento, completou para sempre a felicidade de Mary Cary!

QUEM COMPREENDE A MULHER?

(FIM)

ra com ella, e rejubilava ao reconhecer que esse conhecimento ainda havia o quantum de esthetica sufficiente para o impedir de cavalgar para o intosso pão nosso de cada

dia. Agora porém, surpreendia-o subitamente a sua falta de coragem para contar a Judith o que havia com relação a Carlota. Ora, se para isso lhe faltava a coragem, é que havia uma razão. Uma razão fundamental, sem duvida. Mas qual era?

Se Judith era de facto a sua excellente amiga, sentir-se-ia interessada por Carlota. Mas, Marcus sabia, positivamente, que tal se não daria. Sabia até que ella se sentiria aggravada, sabia até... sim sabia que ella ia ter ciúmes daquelle jovem que penetrara casualmente em sua vida, e que agora ameaçava anniquillar a sua velha amizade por Judith. Paciencia! Teriam que acubar as noites felizes que passava em casa della! Nunca mais conversariam das cousas da Camara dos Pares, nem discutiriam Lloyd George, nem H. G. Wells, ou as theorias de Bernard Shaw. Nunca mais conversariam da "Moral da Renascença". Sim, porque era contar que cada topico que abordassem derivaria para Carlota e a sua exotica presença em sua casa. Judith lhe faria incontáveis perguntas a que elle não saberia responder. Judith tentaria sondal-o, cousa de que elle tinha a maior aversão! Sentia-se um covarde, mas evitava ir á casa de Judith, evitava até escrever-lhe. Queria primeiro reflectir longamente sobre o caso de Carlota, de modo a que depois, pudesse claramente, xabalmente, explicar a Judith o caso della.

Pobre Marcus! Mal sabia elle que Carlota era, na sua vida, a primeira cousa que elle não poderia explicar, que ella representava a sua primeira experiencia no dominio do seu instincto.

Judith (era fatal!) veio a saber de Carlota. A historia chegou-lhe aos ouvidos de varias fontes, decorada de bizarros e fantasticos ornamentos: sir Marcus captara a favorita do sultão... sir Marcus tinha sangue turco nas veias, e estava clandestinamente, installando o seu harem... Tinham sido vistas no local pelo menos seis huris, reclinadas nas mais sumptuosas alcáfitas, a bebericarem o precioso café que sir Marcus importava da Arabia expressamente para consumo das suas odaliscas.

— Ah, minha filha, a senhora não pode imaginar o que vai por lá!... De resto é sempre assim: onde se viu já um homem que se consagre ao estudo da moral, affrontar, victorioso, uma investigação da sua moralidade?!... O caso de sir Marcus Ordeyne é uma prova mais: examinado de perto o moralista, o que se encontra é... um harem!...

Judith Mainwaring soffreu estes e analogos commentarios num silencio tão absoluto e tão longe como lhe foi possível manter. Finalmente, porém, telephonou a Marcus e, como por acaso, convidou-o a levar consigo a sua "protegida", quando fosse tomar chá na companhia da sua velha amiga.

O choque que ella lhe percebeu na attitudão, a medrosa syllaba que fôra a sua resposta, deixaram a Judith adivinhar o peço. Ah, Marcus, o frio, o imperturbável, Marcus, o insensível asceta para quem todas as suas astucias e engodos tinham sido apenas caprichos de mulher bonita, que, como taes se deviam aceitar; Marcus, aquelle que tão innocentemente respondia: "Uma especie que eu detesto!"; Marcus, o seu Marcus, não mais seria seu!

Judith pensou que a dor a mataria, mas sentiu que infelizmente, ella não a mataria. Não; ella teria que continuar soffrendo, soffrendo, soffrendo! Marcus fôra o seu sonho, mas não ha sonho que não tenha o seu despertar! E desperta, bem desperta, estava ella agora! A luz do dia era crua e forte em demasia: fazia-lhe d'ôr os olhos! O ar da realidade era aspero e cor-

tante; transia-lhe o coração! Mas a todo se havia de acostumar... depois de algum tempo! depois de um certo numero de dias... e de noites, as abençoadas noites que Marcus costumava passar junto della, e que longe della havia agora de passar!

Talvez que essa creatura moça o fizesse soffrer, a elle, como elle a fizera soffrer, a ella! Talvez que então elle voltasse para junto della, consciente já do que era o amor.

Consciente, porém, não o queria! Mais desejara que, por ella, elle conhecesse o amor! Marcus... tão infinitamente sabio!... tão infinitamente simples!...

Marcus não queria levar Carlota a tomar chá com Judith, mas não sabia a razão por que o não queria. E porque ignorasse essa razão, sentiu-se aborrecido consigo mesmo e levou-a, a todo o risco. Sempre tivera em antipathia pessoas incertas e confusas, pessoas que não sabiam explicar por que motivo não queriam fazer isto ou aquillo. Elle proprio, Marcus, até então, sempre lograra tabular os seus desejos e aversões como cumpria a um homem. E, portanto...

A tarde, foi intoleravel para todos. Carlota mostrou-se ardilosa e fantasista, muito diversa do que a desejara o seu protector. Marcus persistiu em explicar a situação a Judith, forçado a uma attitudão conciliatoria, que o irritava a elle mais do que a ninguém. Judith apparentou uma benevolencia que elle traduziu por uma crueldade, pois era patente que, mentalmente, ella cogitava de reduzir a outra, só o não conseguindo porque Carlota quasi se não apercebia della. Claramente, porque os homens não occupavam grande espaço nos seus horizontes, nem mesmo ella via nada de estranho em que Marcus tivesse por sua amiga uma mulher encantadora. Muito mais estranho lhe pareceria se assim não fosse. Sentia que Judith não lhe era muito sympathica; mas que isso em nada a podia prejudicar, nem favorecer. Resumindo, Judith muito mais se sentiu pela presença de Carlota, do que esta pela presença de Judith.

No correr dessa tarde, a sra. Mainwaring mostrou-se por vezes maliciosa. A Marcus não lhe passou pelo espirito que ella assim agisse por se sentir tão offendida: offendida pela juvenil belleza de Carlota, pela sua ingenua suavidade, offendida pela sua presença em casa de Marcus, offendida por aquella intelligencia viva, que se não podia desprezar. Judith sentia, ao demais, que Carlota não era rival que se pudesse ignorar, que ella penetrara na vida de Marcus, carregada de dádivas as mais preciosas, e, por isso, na sua fraqueza, mostrava-se maliciosa e perversa...

— Pasquale já teve occasião de o conhecer? — perguntou em certo momento, de maneira a apunhalar sir Marcus em pleno coração.

Elle sabia que, afóra a sua, sir Marcus não tinha outra amizade intima senão essa a que ella se referia agora. Era um homem — Pasquale — dotado de um poder de seducção fulminante e com um código de moral fulminante por igual. O seu grande coração, uma especie de generosidade impulsiva da sua indole, tinham feito que sir Marcus se lhe affeioasse. Não era daquelles homens de quem uma rapariga bonita se pudesse approximar impetuosamente. Era, porém, amigo de sir Marcus e, como tal, bem o sabia Judith, nem por um momento Marcus delle duvidaria. O seu intuito era, agora, porém, implantar no espirito do estudioso essa desconfiança, era levar-o também a suspeitar de Carlota. Bem sabia Judith que isso, longe de a favorecer, só o poderia prejudicar; mas, co-

mo a maioria das mulheres, espiciada em seus sentimentos, ella deixava que se perdesse a sua linha de discreção, a tradição de distincção que se ligava ao seu nome.

Sir Marcus sorriu na direcção de Carlota que, num dos recantos da sala, examinava alguns livros.

— Sim, já — disse, Pasquale juntou comtigo a semana passada e encontrou na sala uma sandalia de Carlota. Mandeí Stinson levar-d'la ao quarto, e momentos depois a garota appareceu na sala com o seu traje oriental! Pasquale ficou encantado por ella!

— Muito natural — fez Judith, mordendo os lábios — muito natural que ficasse!...

Descolriu o olhar rapido, alarmado, que Marcus dirigiu a Carlota e sentiu que cravara o seu dardo, com firmeza, naquello coração.

De volta á casa, Carlota observou: — Não gostei da sra. Mainwaring...

Marcus tentou cerrar o rosto e respondeu:

— Essa senhora é minha amiga! Mas Carlota sacudiu a cabeça:

— Não; não é. Não sei o que ella é, mas sua amiga é que ella não é! Ella... ella é... é qualquer outra coisa que finge não ser! E é justamente por isso que eu não gosto della!

Passava-se qualquer coisa no espirito de Sir Marcus Ordeyne. Elle não conseguia mais escrever sobre a moral com nenhuma facilidade, com nenhuma convicção. Falta-va-lhe a coragem de ir visitar Judith Mainwaring, e as noites — bem raras — que ali passava, eram inspidas como um mar sem sal. O seu club punha-o num estado de hooejo perpetuo.

Esse estado não lhe podia vir de Carlota, que estava então fora, em visita á sra. Mc. Murray. De resto, Carlota era uma criança, uma adoravel criança de espirito fantasista, que regulava os homens como maridos, de accordo com a carne que lhes cobria os ossos: gordos e magros...

Entretanto, como estava só a casa sem ella! Nunca estivera assim! Os almoços eram tristes, as geléas inspidas, as noites — Deus misericordioso! — não tinham fim; os visitantes, monotonos! Extraordinaria influencia de uma criança!

Mas Judith, quando pensava nella, não a via como criança. E Sebastian Pasquale tão pouco. Ainda essa manhã elle contára a Marcus que a tinha encontrado na rua e que havia passeado em sua companhia. Após o que, espiara-se em longas considerações em que fizera Carlota objecto das mais rasgadas galanterias.

Subitamente, pareceu a Marcus sentir um abalo no mais intimo do seu coração, uma docura que o opprimia, uma docura que o fazia soffrer. Sentiu crescer o coração no peito, sentiu-se consciente do sangue que lhe pulsava nas veias. Levou a mão á fronte e sentiu-a humida, aos olhos e sentiu-os molhados, á bocca e sentiu tremulos os lábios.

Rra o amor! — não havia mais interrogar o coração. Amava Carlota. Amava-a!

Sim, tinha consciencia de que a amava, e sentia agora pena de Judith, pena de Pasquale, pena de todos os homens e mulheres affligidos por esta guerra doçura, sem promessa de recompensa. "Somos os loucos de amor, cujos corações se espedaçam!" — repetiu, evocando o poeta. Sentiu pena de si mesmo. Pena de Carlota que ainda era uma criança que mal despertara para a vida. Ella não o amava. A tragedia de hoje tolhia no amoroso qualquer esperança no dia de amanhã. Não o

amava agora, e esse agora dilacerava-lhe cruelmente o espirito e a carne...

E Marcus buscou consolação, comprando-lhe uma porção de cousas lindas que, a volta da doç criança, seriam para ella uma surpresa!

De facto, surpreendeu e encheu de prazer Carlota, que, logo no momento de chegar, disse que morreria se o não beijasse. Elle sentiu, ao contrario, que, se ella o beijasse, quem morreria seria elle! Afinal, Carlota beijou-o mesmo — um beijo de criança, como ella poderia dar na senhora Mc. Murray!

Minutos depois estava dormindo.

Marcus deu um jantar gostoso noite e dois acontecimentos concorreram para que elle applicasse a Carlota que fosse sua mulher, depois que se retiraram os convidados: Judith, Pasquale, e um terceiro que ninguém convidara — Hamdi Effendi.

O primeiro acontecimento consistiu numa conversa que Judith dirigiu mais ou menos a todos, e em que lhes fez notar que Carlota e Sebastian Pasquale formariam um casal de noivos, verdadeiramente ideal...

O segundo acontecimento foi a entrada um tanto tempestuosa de Hamdi Effendi e o lance de opereta que elle representou, exigindo o regresso de Carlota ao harem. Marcus teve uma inspiração para lhe atalhar a fúria:

— Como minha esposa que essa senhora é — dissera ao turco — o senhor nenhum direito tem mais sobre ella!

E Effendi sahira num impeto de turbilhão, disparando ameaças e anathemas.

Depois que se retiraram os visitantes, Marcus pediu a Carlota que o aceitasse por seu noivo:

— Para sua propria protecção — disse-lhe.

Mas não accrescentára "e porque lhe quero muito!" — porque sabia que Carlota ignorava a significação dessa especie de querer.

Carlota, depois que se recolheu ao leito, reflectiu sobre a acquiescencia que dera ao pedido de Marcus e reconheceu, no segredo da sua alma que não fora só por elle ser magro que lhe concedera o desejado sim.

Marcus curtiu duros momentos com Judith. Um dia, pouco depois de almoçar em sua casa foi visitada, em grande parte por considerar que era esse o seu dever. Previa que a situação ia ser, de certo modo, muito desagradavel para os dois e o foi de facto, porque Judith não lhe poupou uma "scena". Declarou-lhe que ia agora agir loucamente, insensatamente, porque assim mesmo, louca, insensatamente, é que o amava! Pizesse bem ou mal, tinha que lhe dizer, e elle havia de a ouvir! Bem sabia que de nada lhe valia, bem sabia que elle amava Carlota, e que, para ella, tudo, tudo estava acabado! Marcus, confuso, perplexo respondeu ter consciencia de que as declarações que ia fazer não calariam no coração de Judith; mas que de todo o modo diria que tinha pena de a fazer soffrer, porque era seu amigo de verdade, porque o seu maior desejo era que continuassem amigos, como sempre tinham sido. Judith riu então para elle. Riu por entre as suas lagrimas; disse-lhe que o amava só por elle ser tão estúpido, tão desatinado, tão adoravel como era, que bem sabia que a situação era irremediavel, irremediavel para ella, e que nada lhe pedia senão que se retirasse para o seu club e que ali passasse, sózinho, o resto do dia.

— Junto pensar no senhor hoje ainda, quero pensar neste dia como nuni dia meu, só meu, nuni dia que o senhor me consagrou inteiramente! Seria intoleravel para mim a idea de que o senhor partisse desta minha confissão para... para junta della!

Marcus promptamente prometteu que só á noite tornaria a ver Carlota. Era, reflectiu, o minimo que podia fazer em attenção a Judith que tantas horas de prazer lhe offerecera, que espontaneamente lhe offerecera o seu coração, agora!

Mas, quando nessa noite elle voltou á casa, Marcus descobriu com panno que Carlota desaparecera.

A principio, desesperado, veio-lhe á idea Hamdi Effendi. Pensou num rapto. Na manhã seguinte foi, porém, sabedor de que Sebastian Pasquale o trahira, de que Carlota tinha fugido em sua companhia!

Marcus, nesse momento de dor, não descobriu nada a que se pudesse apegar. A Moral não existia, nem mesmo na Renascença, e Judith, quando elle lhe telephonou, annunciou-lhe que seu marido acabava de voltar!...

E Marcus viveu a sós com os seus pensamentos, que agora não eram senão recordações accumuladas sobre o seu pobre coração!

Tinham decorrido dois mezes exactos desde a desappareição de Carlota, quando um dia, á hora do chá, ella penetrou no gabinete de trabalho de Marcus.

Marcus ali estava sentado, só, inteiramente só, a revolver os seus pensamentos, encolado na saudade de Carlota. Pensava nella a todo o momento; evocava-lhe as mãos brancas, a dondejar sobre a prataria do chá quotidiano, o som com que a sua voz ecoava na sala á hora do crepusculo, o modo como, postos belle, fulgiam os seus olhos candidos e quentes. Amargos pensamentos e torturantes surpresas! Surpresa da mentira de Sebastian, da crelidade de Carlota em fazer o que fizera!

Os seus pensamentos envolviam-se, porém, numa onda de enternecida meiguice na tarde em que Carlota voltou. Reflectira lentamente em como ella era moça, tão moça, em como é cruel a mocidade, como ella ignora o mal que ás vezes causa ao coração! Elle, porém, nem sequer tinha a justificação de ser moço, e tambem lhe passára despercebido, tanto tempo, quanto fazia soffrer Judith!

Carlota entrou. Marcus percebeu immediatamente como ella estava transmutada, e um terror o assoberbou, varrendo todas as demais considerações. Agora — distinguia-o bem — ella já não era moça, moça como fora! — Estava agora desperta, tragicamente desperta! E um pouco recessa tambem, recessa delle! Delle, que era incapaz de tocar sequer num só fio daquelle adorada cabeça!

Serviu-lhe o chá, e logo ella começou a conversar, como se quizesse desafogar quanto antes. Falou-lhe em ir-se embora, tão depreisa lhe honvesse dito cousas que reconheceria a Marcus o direito de saber. Elle fora bom, muito bom, porém ella não o soubera comprehendê-lo! Agora, comprehendia, porém, comprehendia isso e outras cousas, e sentia bem como elle a devia ter achado ingenua e tola!

Marcus esboçou um vago gesto a contestar-lhe; mas Carlota proseguir:

— No dia em que eu parti, a Sra. Mainwaring veio-me visitar, e nesse dia foi muito amavel para comtigo. Disse-me que eu precisava de conselhos, que conhecia e senhor ha annos, que o seu coração era maior que a sua cabeça, o que achei muito mal dito, na verdade. Disse-me que não me censuraria porque reconhecia que

eu não sabia bem o que estava fazendo; mas que o senhor se ia casar comigo por mera compaixão. Acrescentou que o senhor a amava, que sempre a tinha amado. Não acreditei inteiramente nessa afirmação porque sempre me pareceu que o senhor não lhe tinha amor; mas, em face do motivo a que ella attribuiu o seu pedido de casamento, conclui igualmente que o senhor não me amava, a mim. Mais tarde, depois que ella partiu, appareceu Sebastian Pasquale e disse a mesma coisa: que o senhor se casava comigo porque, cavalheiro como era, se julgava a tal obrigado; mas que o senhor só amava a Sra. Mainwaring, o que para ninguém era mysterio. Falou tambem em Hamid Effendi, nas ameaças que elle fizera á sua vida se eu continuasse em sua casa, e terminou dizendo que, fugindo com elle, eu aplainaria o caminho para o senhor e

Judith, e salvaria a sua vida, e o faria feliz, e o faria tambem feliz a elle, Sebastian, ao mesmo tempo. Foi por isso... foi por isso que parti!

— Ah, creança adorada! Ah, meu amor! — rugiu Marcus.

Mas Carlota continuou, como se falasse num transe.

— Depois, porém, que sahi daqui e enlei no carro com Sebastian, elle enlaçou-me nos seus braços, e immediatamente senti que um grande clarão se fazia no meu entendimento. O contacto desse homem fez-me pensar no seu contacto, Marcus; fez-me desejar o toque das suas mãos! A partir desse momento entendi tudo... a respeito de tudo! Fugi a Sebastian nesse mesmo dia e nunca mais o tornei a ver. A Sra. Mac Murray veio em meu soccorro, proporcionando-me trabalho. Depois, subitamente, impoz-se-me a idea de

voltar aqui, de lhe agradecer, de lhe dizer que comprehendendo agora quanto o senhor fez por mim... os riscos que correu por minha causa... Senti que lhe devia confessar todo o bem que lhe quero por toda a sua bondade... e o quanto desejo que seja feliz com...

Mas Marcus deteve-a, antes que asso-masse aos labios de Carlota a palavra que lhe completaria o pensamento. Ajoelhou-se junto á cadeira em que ella estava, apanhou-lhe as mãos, uniu-as ao peito:

— Dize, dize depressa "commigo!" — supplicou. — Dize "commigo", pois não me seria possivel ser feliz senão contigo!

Carlota debruçou-se para Marcus e os seus labios se entregaram aos d'elle, tremulos, apaixonados, despetos:

— Commigo, sim! Commigo só! Para sempre!

FAMILIAS DE ARTISTAS

POR CONSTANCE TALMADGE

São frequentes os casos de irmãos germanos trabalharem na tela?

Ha no palco familias tradicionais, como as dos Drew, dos Barrymore, em que se contam gerações de artistas.

Mas a cinematographia é arte demasiadamente nova para que mais de uma geração de artistas tenha figurado na tela. Entretanto, é já consideravel o numero de artistas ligados pelos laços do mais intimo parentesco, que trabalham na tela e alguns são justamente do grupo dos favoritos do publico, o que parece demonstrar como é contagioso o talento.

Citemos primeiramente os tres irmãos Barrymore: John, Lionel e Ethel. Depois

PARA TODOS...

Preço das assignaturas

Um anno..... 25\$000
Seis mezes..... 13\$000

Venda avulsa:

No Rio..... 500 rs.
Nos Estados..... 600 rs.

OUVIDOR, 164 — RIO

Talmadge — o trio Talmadge é composto por Norma, Nathalia e por mim, finalmente.

Os tres pares de irmãos mais famosos da tela são os Fairbanks, os Chaplins e os Farnums. Os talentos de John Fairbanks e Sidney Chaplin não se têm evidenciado tanto como fora desajavel, pelo motivo

do mais á parte commercial e financeira das emprezas dos irmãos do que ao seu proprio trabalho para a tela. O mesmo já não acontece com Dustin Farnum, que ora trabalha para a mesma empresa que monopolisa os serviços de seu irmão William.

Não devemos esquecer os irmãos Jorge e Raul Walsh e mais Lillian e Dorothy Gish, Viola Dana e Shirley Mason, Katherine Mac Donald e Mary Mac Laren, Anita e George Stewart e... mas, para que citar outros?

◆ ◆ ◆

Mona Kingsley é de ascendencia irlandeza e dinamarqueza. Figura a um tempo no palco e na tela. Nos intervallos de seus trabalhos escreve ella versos e peças de theatro; pinta a oleo e aguarella, toca piano, guitarra (e phonographo); dança, nada, patina; e ainda acha tempo para fa-

A PRODUÇÃO AMERICANA

De 1º de Setembro de 1921 a 28 de Fevereiro de 1922, foi de 301 filmes, considerados unicamente os de cinco ou mais partes, não levados em linha de conta as comédias, jornais, séries, caricaturas, etc.

Conforme as marcas:

Arrow	9
First National	37
Aywon	10
Equity	3
Paramount	59
Fox	28
Goldwyn	22
Graphic	2
Wid. Gunning	5
Hodkinson	11
Metro	17
Pacific	3
Pathé N. Y.	17
Robertson Cole	20
Second National	2
Selmick	12
United Artists	5
Universal	28
Vitagraph	17
Warner Bros	3
	301

Nesse numero comprehendem-se uns dez filmes estrangeiros, importados.

♦ ♦ ♦

Nos studios da Famous Players filmou-se uma produção-reclame "Uma viagem á Cidade Paramount", em que através 700 metros de fita apparecem aspectos de todas as installações da grande organização cinematographica; artistas, directores de scena, os mesmos em trabalho, scenas dos filmes em via de execução, algumas das mais famosas caracterizações

dos artistas em produções anteriores, etc. Entre as curiosidades ha varios *trucs* photographicos, excellentemente feitos, sendo que em um delles apparece Dorothy Dalton simultaneamente em quatro de suas melhores creações. Naturalmente, esse film curioso será brevemente projectado entre nós e despertará a attenção do publico, que só por meio d'elle terá conhecimento dos processos utilizados nos grandes studios para fazer os films que estamos habituados a admirar.

♦ ♦ ♦

O FILM FRANCEZ

Actividade cinematographica dos studios francezes. Filmes em preparo actualmente:

La bête traquée (A fera acuada) de René Le Somptier e Michel Carré (Francis Debllé, Jeanne Marie Laurent, Henry Duval, Van Daele, Amiot), da Aubert.

Le crime de Henriette Ruffat, de Robert Peguy (Ivette Andreyor, Jean Toubrit, Simonne Sauré, Jeanne Brindeau, Mendaille, Lucien Dalsace), da Barbaza.

La fille des chiffonniers (A filha dos trapeiros) de Henri Desfontaines (Blanche Montel e Madeleine Guitty), Gaumont.

L'Homme insurable, de Raymond Bernard (Armand Bernard), Pathé.

Mon p'tit, de Jules Mary (Mlles. Marsart, Madys, Min. Clerins, René Manpré, Denenbourg), Gaumont.

Nos sens — Filmes R. Carrère.

Pauvres petits, de Th. Seebold (Paulette Landins), H. Vorins.

Rouletobille chez les Bohémiens, de Gaston Leroux, Pathé.

Sarati le Terrible, de Jean Vignaud (H.

Baudin, Ginette Maddle), Mercanton-Aubert.

To be or not to be, de René Leprince (Mathol, René Sylvaire, Regine Dumen), Pathé.

Tourment, de Jacques Riven — Art Muet.

Triplepatte, de Raymond Bernard (Henry Delain, Edith Jehanne, Jeanne Loury, Ahnar, Palan, Nunés), Pathé.

♦ ♦ ♦

UM CONCURSO DE ARGUMENTOS

Já fallamos, ha tempos, no concurso realizado pela empresa norte-americana Goldwyn, com varios premios, o primeiro dos quaes de 10.000 dollars. Citamos, então, o seu vencedor, sendo que o film já está em vias de execução.

Agora, a Pathé Consortium abre um concurso mundial de argumentos, sendo de 30.000 francos o premio maior.

○

Mlle. Gil Clary, estrella franceza de cinema, está trabalhando em Portugal actualmente, sob a direcção de Roger Lion. O film em elaboração é feito sobre um enredo de Virginia de Castro.

○

A Cito Cinema, de Roma, está em liquidação. A quebra do Banco Italiano di Sconto, comprometteu grandemente varias empresas cinematographicas da peninsula.

○

Pola Negri tem 28 annos, nasceu em Varsovia e aos 16 annos partiu para Berlim. Tocou violino, foi dançarina e extra de cinema.

Graphologia

ROMUALDO (Bahia) — Por enquanto, só se pôde dizer que é um futuro grande artista. Os demais traços não se definem: estão em febril evolução. Daqui a um ou dois annos.

CARNEIRO (Minas) — A sua individualidade caracteriza-se por uma grande actividade physica e intellectual; mas nesta não ha pruridos literarios: é apenas um trabalho de pensamento para prover às necessidades da vida presente e um pouco ás do futuro. Ha tambem um pouco de idealismo, que lhe toma algum tempo nas locubrações, mas predomina a face pratica da vida. Seu espirito é muito viçante, mas sufficientemente perspicaz para não cahir em demasias de expansão. Na vontade é que não vemos o traço da força e da constancia. O que ella consegue deve-o á perspicacia espirital.

ALDEBARAN (Valença) — Possui um grande orgulho intimo; sabe, porém, apparentar modestia e até humildade. Tem uma vontade muito precaria, isto é incerta. Predominam os impetos. Falta-lhe tenacidade e orientação. O seu animo é alegre. Tem modos amáveis e ás vezes empolgantes, capazes das maiores atracções. Entretanto, falta alguma bondade no seu coração um pouco frio e calculista.

GRETCHEN (Esperança) — O maior característico da sua personalidade parece ser a vontade ambiciosa, conjugada a uma vaidade muito notavel. Mas sabe dissimular tudo isso numa agradável expansibilidade, aliás subordinada a um espirito um tanto frio — o que denota falta de sinceridade. É grande o seu amor ao confortavel, e isso, naturalmente, é que lhe accende muito a ambição. Não vá sacrificar o coração por causa disso... Elle é excellente, bondoso e caritativo — para remate da sympathia que sabe inspirar a todos que de perto a conhecem.

JIM E JACK (S. Paulo) — Não está em condições de ser deferido, pois o seu escripto está em papel pautado.

ROLO (Nietheroy) — É uma natureza arrojada, de notavel força de vontade, com alguma audacia. O seu espirito vibra muito sob um ideal, nem só de amor. Ha intellectualismo na sua personalidade. Ao mesmo tempo verifica-se uma força consideravel de instinctos subordinados ao prazer. Adora o conforto e a volupia. Vê-se, porém, que luta condignamente na vida e pelo caminho legal. Dahi, talvez, o traço voluntarioso, perventura o mais notavel de sua graphia, onde ainda se vê o signal de muita bondade de coração.

JOAQUIM (Petropolis) e APOGEU (Recife) — Para estudo graphologico exige-se a assignatura legal. Pseudonymos só servem para a resposta.

MISS CIUMENTA (Batatal) — Espirito meticuloso, um tanto glacial, se bem que delicado. Muito amiga dos seus interesses, não é contudo uma egoista. Tem mesmo a virtude caritativa. Preocupa-se muito com futilidades, mas tambem alcança as grandes idéas, as comprehende e assimila, por ser muitissimo intelligente. A vontade é energica, conquanto pouco audaciosa. Vence pela pertinacia. Ha muita faccricia na sua pessoa e um excellentissimo senso artistico.

LUCY XX (Rio) — O que mais se salienta é o signal de uma imaginação poderosa, inquieta e avassaladora. Assim ella extravassa dos assumptos externos e passa

a preoccupar-se com a propria pessoa. Dahi uma analyse borboleteante que só pode chegar a conclusões contraditorias, pela exuberancia de seu questionario em contraste com a restricção do campo. E dahi tambem essas minudencias do seu caracter, que não chega a decifrar ou cuja decifração a espanta... Se não fosse a sua formidavel força de vontade e o seu espirito esclarecido, já teria sido victima desse excesso de imaginação. Que é expansiva e ao mesmo tempo discreta, não ha duvida. Mas justamente na perspicacia desse modo de ser é que está a sua grande força. Não se trata de hypocrisia como lhe parece: é finura. Resta ainda assignalar o traço notavel da vaidade e o da bondade cordial, tambem grande.

G. S. (Sobral) — A sua graphia denuncia logo um individuo sensual, mas um tanto idealista, mesmo nesse ponto. O seu coração é bondoso — o que resume a sua pergunta quanto a sentimentos. A sua imaginação é grande, mas disciplinada pelo

espirito, que é perspicaz e methodico. Os seus gestos principaes são os que entendem com os sentidos materialistas, havendo, entretanto, uma boa tendencia para a diminuição desse traço. O que predomina, pois, na sua natureza é a luxuria e o sonho de um futuro cor de rosa. Mas a vontade não tem a persistencia que seria necessaria para as realizações.

BORANGEL (Soledade) — Nas linhas da sua carta pode-se enxergar tudo menos os elementos para um estudo graphologico. Para uma sarabanda, sim...

CASA GUIOMAR

CALÇADO DADO
Avenida Passos, 120

(Proximo á rua Larga)

Tendo adquirido uma importante fabrica, pôde assim vender todos os seus productos de calçados, desde as alpercatas ao Luiz XV, mais barato que em qualquer casa 50 %.



MODELO NILDA

de 17 a 26	4\$000
" 27 " 32	5\$000
" 33 " 40	6\$500



MODELO NORAH

de 17 a 26	4\$500
" 27 " 32	5\$500
" 33 " 40	7\$500

Pelo Correio mais 1\$500 por par.
Remettem-se catalogos illustrados, gratis, para o interior, a quem os solicitar.

Pedidos a **JULIO DE SOUZA**



REGULADOR FONTOURA
O GRANDE REMEDIO DAS SENHORAS
TONICO RESTAURADOR UTERINO
CURA DOENÇAS DO UTERO
REGULARISA A MENSTRUACÃO
CURA
TODOS OS ESTADOS MORBIDOS DOS ORGÃOS FEMINOS

A venda em todas as farmacias e drogarias. Depositarios: **PLINIO CAVALCANTI & C.** — Rua Senador Dantas, 45 — Rio de Janeiro

ELIXIR DE INHAME



Depura
Fortalece
Engorda

Para todos...

SENHORAS! Em quatro horas vos livraes das colicas uterinas, tomando a "FLUXO-SEDATINA"



A "FLUXO-SEDATINA"

recomenda-se aos medicos e parteiros. E' de gosto agradavel.

A' venda em todas as pharmacias e drogarias do Brasil

Depositarior Geraes: **GALVÃO & C.**

Ladeira Santa Ephigenia n. 9 — São Paulo

A "Fluxo-sedatina" desafia qualquer producto medicinal nacional ou estrangeiro que produza effeito mais rapido nos orgaos genitais das senhoras. Nas colicas uterinas faz effeito em quatro horas. Nos partos, garantimos que não haverá mais perdas de vidas em consequencia de hemorragias antes e post-partum. Tomando 15 dias antes de dar a luz, facilita o parto, diminue as dores e as colicas, produzindo-se com facilidade e diminuindo as hemorragias. Para as outras doenças peculiares da mulher, como Flores Brancas, Inflamações, Corrimentos, máo cheiro, Tumores, Suspensões e os perigos da idade critica, etc., a "Fluxo-sedatina" dá sempre resultados garantidos. Senhoras, usem a "Fluxo-sedatina" e dae ás vossas filhas e recomende as vossas amigas; prestareis assim um bello serviço ao vosso sexo. A "Fluxo-sedatina" é a verdadeira saude da mulher e a tranquillidade das mães. As senhoras que usarem uma vez nunca mais tomarão outro medicamento; tenha sempre um vidro em casa que é como se tivesse o medico á mão. Está sendo usada nas maternidades de toda a America do Sul. Recom-

Depurativo
Salsa,
Caroba
e Manacá

Da celebre pharmaceutico-chimico **E. M. DE HOLLANDA,**
preparado pelo Dr. Eduardo
França (Concessionario).



O Rei dos Depurativos

A **SALSA, CAROBA E MANACA**, do celebre pharmaceutico Eugenio Marques de Hollanda, é já muito conhecida em todo o Brasil e nas Republicas Argentina, Uruguay e Chile, onde tem produzido curas maravilhosas e goza de grande reputação. E' o depurativo mais antigo, mais scientifico e mais efficaz para a cura radical de todas as affecções herpeticas, syphiliticas, bouliaticas e escrofulosas provenientes da impureza do sangue, taes como rheumatismo, dores articulares, arthritismo, etc. Experimentae um só frasco e sentireis os seus beneficios!

Depositarior: **ARAUJO FREITAS & C.**, droguitas. — Rua dos Ourives n. 88, Rio de Janeiro. —
Encontra-se em todas as pharmacias e drogarias.

VIDRO... 3\$000

OS MELHORES
REMEDIOS

Contra:

GRIPPE
NEURALGIAS
ENXAQUECAS
RHEUMATISMOS

são os comprimidos
de:

RHODINE

— E DE —

RHOFEINE

Este ultimo composto de **RHODINE** e **CAFEINA**
é especialmente recommendado aos cardiacos.

Cia. **CHIMICA RHODIA BRASILEIRA**
São Bernardo — (São Paulo)

A maior descoberta para a SYPHILIS

O "ELIXIR 914"



Combate a syphilis eficazmente, sem o perigo das injeções. É depurativo energético e tônico de alto valor. No terceiro vidro as manifestações, mesmo as mais graves, tais como: manchas, fistulas, placas, eczemas e reumatismo, desaparecem como por um milagre. 95 por cento dos homens casados que, em solteiros, tiveram doenças secretas, ficaram com ellas chronicas; eis a razão por que milhares de senhoras soffrem sem saber a que attribuir a causa. 3 vidros são sufficientes para restituir a saúde e salvar vossos filhos. Para as creanças syphiliticas é o unico especifico proprio que existe, porque não ataca o estomago e é tônico agradável de tomar.

A' venda em todas as farmacias e drogarias do Brasil

Depositarior Geraes: GALVAO & C.
LADEIRA SANTA EPIPHIGENIA N. 9 —
S. PAULO.

Em latas e
garrafas

A' venda
em toda
a parte.



A
Z
E
I
T
E
S
O
L
L
E
V
A
N
T
E

AZEITE SOL LEVANTE... é a mió
marca do mundo!

Bom Dia!

Lembre-se sempre disto:

AS
PASTILHAS do Dr. **RICHARDS**

curar-lhe-hão dyspepsia e
indigestão. Ellas são in-
falliveis pois contem, na
forma de pastilhas, os
succos digestivos do seu
proprio estomago. Tome-
as hoje. O seu pharma-
ceutico as vende.

COLGATE'S



Desde a mais tenra idade a criança deve usar

COLGATE

a melhor pasta para os dentes